



UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL
CAMPUS ERECHIM-RS
CURSO DE GEOGRAFIA - LICENCIATURA

DAIANE DE ALMEIDA QUADROS

**A PERCEPÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE ITÁ-SC: ANTES E
DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA UHE.**

ERECHIM

2016

DAIANE DE ALMEIDA QUADROS

**A PERCEPÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE ITÁ-SC: ANTES E
DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA UHE.**

Trabalho de conclusão de Curso apresentado ao Curso de Geografia – Licenciatura da Universidade Federal da Fronteira Sul, como requisito para a obtenção do título de Licenciada em Geografia.

Orientador Prof. Dr. Reginaldo José de Souza.

ERECHIM

2016

DGI/DGCI - Divisão de Gestão de Conhecimento e Inovação

Quadros, Daiane de Almeida

A percepção das transformações na cidade de Itá-SC::
Antes e depois da instalação da UHE./ Daiane de Almeida
Quadros. -- 2016.

90 f.

Orientador: Reginaldo José de Souza.

Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de
Geografia , Erechim, RS , 2016.

1. Contextualização da temática e da área de estudo -
Produção de energia, Hidrelétricas, Itá-SC.. 2.
Conceitos estruturantes: Ambiente, Paisagem e Lugar.. 3.
Percepção Ambiental.. 4. Itá e as percepções da cidade..
5. Considerações Finais.. I. Souza, Reginaldo José de,
orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III.
Título.

DAIANE DE ALMEIDA QUADROS

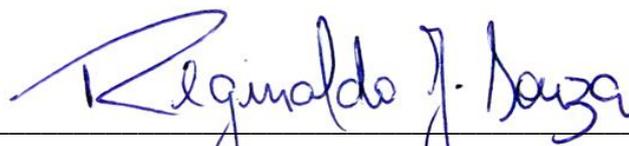
**A PERCEPÇÃO DAS TRANSFORMAÇÕES NA CIDADE DE ITÁ-SC: ANTES E
DEPOIS DA INSTALAÇÃO DA UHE.**

Trabalho de conclusão de curso de graduação apresentado como requisito para obtenção do grau de licenciada em Geografia da Universidade Federal da Fronteira Sul - Campus de Erechim

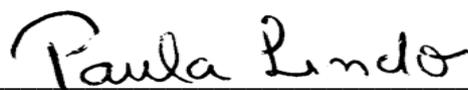
Orientador: Prof. Dr. Reginaldo José de Souza.

Este trabalho de conclusão de curso foi defendido e aprovado pela banca em: 05/12/2016.

BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Reginaldo José de Souza - UFFS



Prof. Dra. Paula Vanessa de Faria Lindo - UFFS



Prof. Me. Éverton de Moraes Kozenieski - UFFS

Dedico este trabalho às pessoas que de alguma maneira ou outra me incentivaram nesta caminhada de formação acadêmica, em especial aos meus pais João e Darlene Quadros.

AGRADECIMENTOS

Agradeço em primeiro lugar a Deus, essa energia superior que nos guia e ilumina em todos os momentos.

A minha família por estarem sempre ao meu lado, meu pai e minha mãe (João e Darlene), meus irmãos (Junior e Victória) e meus avós (Armando e Zuleica) que sempre me incentivaram em todas as minhas decisões. Os admiro muito pelo apoio incondicional.

Aos professores da UFFS, em especial os do curso de Geografia, por esta linda profissão, pelos ensinamentos e pela dedicação durante a graduação.

Aos meus colegas da Geografia 2012, que me ajudaram de alguma maneira ou outra nesta caminhada.

A meus inestimáveis amigos Ahlana e Luís de Campos, por todo apoio e ajuda para a conclusão deste trabalho. E pela companhia nos trabalhos de campo à cidade de Itá-SC.

Aos moradores da cidade de Itá-SC pela disponibilidade em me auxiliar na produção deste trabalho.

Agradeço especialmente ao meu orientador e amigo, professor Régis, quem realmente me incentivou na realização deste trabalho, pelo apoio, amizade, confiança e principalmente pela paciência e pelo tempo dedicado em me auxiliar a qualquer hora do dia.

Por fim, meu agradecimento a todos familiares, amigos, colegas e conhecidos que de alguma maneira colaboraram para a realização do trabalho.

RESUMO

Este trabalho fundamenta-se na percepção das transformações na paisagem, no meio ambiente e nas relações sociais dos moradores da cidade de Itá-SC, que presenciaram a realocação da cidade por consequência da implantação de uma Usina Hidrelétrica. Com objetivo de analisar essas transformações, questionando os moradores da cidade, comparando o presente e o passado e desenvolvendo uma estratégia de análise geográfica da paisagem com base na relação que as pessoas têm com a sua paisagem. A pesquisa justifica-se em decorrência das diversas modificações que estão ocorrendo no ambiente e provocando mudanças na paisagem. Paisagem esta que precisa ser cada vez mais considerada e analisada, pois há a necessidade de um entendimento maior sobre ela, compreendendo que não se baseia somente na natureza apenas, mas sim na hibridação da natureza com sociedade, sendo esta uma fusão intrínseca. Deste modo, a questão socionatural é muito complexa, onde as paisagens são modeladas com as particularidades adicionadas pelas sociedades, utilizando “os elementos da natureza enquanto recursos para a produção e reprodução dos territórios” (SOUZA, 2015). A metodologia deste trabalho constituiu-se em trabalhos de campo, para reunir informações e materiais, visitas técnicas em locais de documentação histórica, como a Casa Camarolli e Alberton, e entrevistas com moradores mais antigos na cidade e transcrição e análise das entrevistas sobre a percepção destes moradores com relação à cidade de Itá antes e depois da UHE. Por fim, conclui-se que apesar das entrevistas iniciarem com os moradores elogiando a cidade nova, no decorrer desta, todos lembraram-se de detalhes significativos de suas vidas na velha cidade, detalhes esses que causaram muitas emoções, ficando evidente o sentimento de pertencimento ao lugar que eles tinham e abrindo uma leitura possível sobre a paisagem através das memórias dos moradores.

Palavras-chave: Usina Hidrelétrica Itá. Percepção. Transformações. Paisagem.

ABSTRACT

This work is based on the perception of the transformations in the landscape, in the environment and in the social relationships between the residents of the city of Itá-SC, who have witnessed the reallocation of the city due to the implantation of a Hydroelectric Power Plant. With the aim of analyzing these transformations, asking the residents of the city, making a comparison of the present with the past and developing a strategy of analysis of the geographic landscape based on the relation that those people have with that landscape. This research justifies itself in consequence of the big amount of modifications that are occurring in that environment and provoking changes in the landscape. Landscape that needs to be increasingly considered and analyzed, because a bigger understanding about it is needed, comprehending that it isn't just based on the nature with the society, being this an intrinsic fusion. Thus, the socionatural question is very complex, where the landscapes are moulded with the particularities added by the societies, using “the elements of nature as resources for the production and reproduction of the territories” (SOUZA, 2015). The methodology of this work was consisted by many fieldworks, to gather informations and materials, technical visits on the hystorical documentation places, such as Casa Camarolli and Albertoni, and interviews with the elderly local residents, besides the transcription and analysis of the interviews about the perception of these residents about the city of Itá before and after the construction of the Hydroelectric Power Plant. Finally, is concluded that although the interviews began with the residents praising the new city, during it, everybody reminded significant details of their lives in the old city. Details that caused many emotions, becoming evident the profound feeling of belonging to that place, and opening a possible reading about the landscape through the memories of the residents.

Keywords: Itá Hydroelectric Power Plant. Perception. Transformations. Landscape.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização da cidade de Itá.....	13
Figura 2 - Matriz de Capacidade instalada de geração de Energia Elétrica.....	20
Figura 3 - Imagem Google Earth da cidade de Itá-SC.....	26
Figura 4 – Símbolo da liga independente das Escolas de Samba de Itá.....	31
Figura 5 - O caminho da percepção.....	51
Figura 6 - Convergência de diferentes olhares sobre território e paisagem.....	58
Quadro 1 - Roteiro das entrevistas.....	16

LISTA DE FOTOGRAFIAS

Fotografia 1 - Cidade de Itá	26
Fotografia 2 - Casa da Memória.....	27
Fotografia 3,4,5 e 6 - Antiguidades no interior da Casa da Memória.....	28
Fotografia 7 - Casa Alberton.....	29
Fotografia 8 - Igreja São Pedro.....	30
Fotografia 9 - Torres da Igreja.....	30
Fotografia 10 - Igreja da cidade nova e miniatura da Igreja da cidade velha.....	31
Fotografia 11 - Prefeitura Municipal da cidade nova.....	55
Fotografia 12 - Prefeitura Municipal da cidade velha.....	55
Fotografia 13 - Momento de realização das entrevistas.....	60
Fotografia 14 - Solicitação das entrevistas.....	60
Fotografia 15 - Rua do Centro de Convivência.....	62
Fotografia 16 - Turismo na cidade de Itá.....	64
Fotografia 17 - Antiga cidade de Itá.....	69
Fotografia 18 - Time de futebol.....	71
Fotografia 19 - Hospital da cidade velha.....	71
Fotografia 20 - Processo de demolição da cidade velha.....	72
Fotografia 21 - Enchimento do lago.....	73
Fotografia 22 - Símbolo da cidade velha (Torres).....	77
Fotografia 23 - Igreja da cidade velha.....	78
Fotografia 24 - Rua da Prefeitura.....	79
Fotografia 25 - Igreja da cidade nova.....	80
Quadro Fotográfico 1 – Atrações Turísticas.....	64
Quadro Fotográfico 2 – Cidade nova de Itá.....	65

LISTA DE SIGLAS

ANNEL	Agência Nacional de Energia Elétrica
CDA	Centro de Divulgação Ambiental
CSN	Companhia Siderúrgica Nacional
ELETROSUL	Centrais Elétricas do Sul
GERASUL	Centrais Geradoras do Sul do Brasil S.A.
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
MAB	Movimento dos Atingidos por Barragens
UHE	Usina Hidrelétrica
UHE Itá	Usina Hidrelétrica Itá

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA E DA ÁREA DE ESTUDO	19
1.1 NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE ENERGIA EM HIDRELÉTRICAS	19
1.2 AS HIDRELÉTRICAS NO BRASIL	24
1.3 A CIDADE DE ITÁ NO CONTEXTO DESTA PROBLEMÁTICA	25
1.3.1. Compreendendo a história da construção da UHE Itá	33
CAPÍTULO 2 – CONCEITOS ESTRUTURANTES: AMBIENTE, PAISAGEM E LUGAR	35
2.1 AMBIENTE.....	36
2.2 PAISAGEM	41
2.3 LUGAR.....	45
2.4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL.....	49
CAPÍTULO 3 - ITÁ E AS PERCEPÇÕES DA COMUNIDADE	54
3.1. O PERFIL DOS ENTREVISTADOS E AS ENTREVISTAS	59
3.2 RELAÇÕES DO MORADOR COM A CIDADE ATUAL	64
3.3 RELAÇÕES DO MORADOR COM A VELHA ITÁ, A PARTIR DAS SUAS MEMÓRIAS	68
3.3.1 As lembranças da velha cidade	68
3.3.2 Enchimento do lago	73
3.3.3 Fotografia da cidade velha para apresentar para alguém	77
CONSIDERAÇÕES FINAIS	83
REFERÊNCIAS	86

INTRODUÇÃO

Perceber a paisagem?

Muito se fala em paisagem, conceito fundamental para a Geografia, mas as pessoas conseguem perceber a paisagem? E compreender a paisagem, pode ser uma simples tarefa? Para além de percebê-la, temos que buscar sua compreensão, que implica na compreensão de fenômenos e processos de ordem natural e social nas suas dimensões econômica, política e cultural.

Rios, lagos, florestas, céu, pôr do sol, arco íris, poderiam ser chamados de paisagem? Fazem parte da paisagem? E quanto a casas, prédios e cidades? Também fazem parte da paisagem? Os elementos separadamente são partes da paisagem ou são a própria paisagem?

Compreender a paisagem não é uma tarefa muito fácil, atentar-se a todos os detalhes que estão representados em um pequeno espaço simplesmente, adentrando as questões ambientais e sociais, fundindo a sociedade com a natureza. Conseguindo perceber essa ligação na paisagem é um aspecto muito amplo e é necessário ter atenção a cada detalhe para fazer essa observação.

Instigando ainda mais a reflexão, o problema fica mais complexo quando são observadas paisagens impactadas pela instalação de UHEs e redes de distribuição de energia. Algumas paisagens são impactadas e outras definitivamente desaparecem, para dar lugar a outras novas.

E, perceber o lugar? O lugar em que a gente vive? Em que a gente viveu? Aquele sentimento de pertencer a um lugar, e atentar-se os valores que são incumbidos neste espaço, para que este seja chamado de lugar, o qual é cheio de lembranças, memórias e interpretações.

Assim, parte-se da hipótese de que quando a transformação de um espaço é motivada por determinantes econômicos, atinge de modo incisivo os lugares e paisagens cotidianas de pessoas, suas percepções e laços identitários podem ser profundamente alterados. Ao pesquisador que se preocupa com esse tipo de problema cabe entender um pouco melhor o caráter dessa mudança de percepção: as pessoas visualizam alguma melhoria? Sim? Não? Por quê?

Neste trabalho será problematizado o conceito de *paisagem* em um *lugar* que foi modificado. Abordaremos a percepção e o seu verdadeiro significado na vida das

pessoas, que percebem o seu lugar de vivência e percebem a sua paisagem e suas mudanças. Quais as impressões, as lembranças que restam de um lugar que foi obrigado a desaparecer em função de determinações econômicas na transformação do espaço?

As transformações na paisagem, no meio ambiente e nas relações socioespaciais das áreas atingidas pela implantação da UHE, criam oportunidades de investigações em diversos aspectos (SOUZA, 2009), estudos relacionados à questão ambiental, população, clima, infraestrutura, economia, dentre outros estudos podem ser realizados consoante a um único assunto. Contudo, este trabalho tem como objeto de estudo a percepção dos moradores quanto às transformações ocorridas na cidade de Itá-SC, antes e depois da instalação da UHE.



Figura 1 – Localização da cidade de Itá, ao oeste do estado de Santa Catarina. O qual faz limites com o estado do Paraná e Rio Grande do Sul.

Em consonância com o tema exposto acima, tem-se que devido à construção da UHE - Itá, a estruturação da barragem e seus reservatórios, a velha cidade foi totalmente submersa pelas águas do lago artificial alimentado pelo Rio Uruguai. Este fato foi bastante significativo, por ser a primeira cidade do Brasil totalmente alagada em decorrência da construção de uma Usina. Desta maneira, a cidade necessitou ser reconstruída, a 4 km de distância da antiga cidade de Itá, modificando o sítio urbano, pois estava posicionada no fundo de um vale, e foi para uma crista, uma área mais elevada (CONSÓRCIO ITÁ, 2000).

É pertinente entender o porquê de a construção desta usina ocorrer exatamente na cidade de Itá. Como destaca Foschiera:

Usinas hidrelétricas passaram a ser construídas no Brasil desde o final do século XIX; porém, o questionamento e ações de resistência frente à construção destes empreendimentos se deram, de forma mais incisiva, a partir da segunda metade da década de 70, do século XX. Organizações de resistência de atingidos se formaram frente à construção de um empreendimento hidrelétrico ou questionando projetos que previam a construção de várias UHEs em uma determinada bacia hidrográfica. Desta maneira, surgiram movimentos sociais isolados ou de abrangência regional, que passaram a questionar a política energética brasileira (2009, p. 31).

Além das construções das UHE estarem em alta, com o necessário aumento da produção de energia elétrica, “concomitante, ao período de transição de uma economia primária exportadora para uma economia industrial” (FOSCHIERA, 2009, p. 89), ainda Itá está localizada na bacia do Rio Uruguai que, de acordo com Rocha (2013, p. 110), possui uma vasta abundância fluvial e o “relevo de predomínio planáltico que confere aos rios a declividade a partir de vales”.

Assim, é relevante entender e analisar as transformações na cidade de Itá-SC movidas pelo empreendimento da UHE, na perspectiva dos moradores da própria cidade, bem como necessário questionar os moradores desta, que vivenciaram a realocação da mesma, sobre suas percepções em relação à UHE, comparando o presente e o passado. Para isso, o presente estudo se pautou em uma estratégia de análise geográfica das transformações ambientais com base na relação que as pessoas têm com a sua paisagem, fazendo um diagnóstico das condições ambientais de Itá-SC, antes e depois da UHE. Por fim, a pesquisa também teve como objetivo, a leitura da paisagem com base em três processos diferentes: retrospectivo, sincrônico e prospectivo, que serão abordados no capítulo 2.

Este trabalho se justifica em decorrência das diversas modificações que estão ocorrendo no ambiente e provocando mudanças na paisagem. Por exemplo, podemos mencionar a alteração do curso de um rio, a escassez de vegetação, que transformam diretamente o cotidiano das pessoas que residem em locais em que tais impactos se manifestam intervindo nas dinâmicas socioespaciais de maneira ampla (do ponto de vista político, econômico, cultural e ambiental). O trabalho pode ser interessante em um momento onde ficam cada vez mais visíveis os impactos ambientais que são causados quando há interferência do homem na natureza, especificando a relação das usinas

hidrelétricas com seu local de implantação (relações ambientais, sociais, territoriais, culturais e econômicas).

A partir de levantamentos de informações acerca de trabalhos que versem sobre a percepção das transformações da paisagem motivadas pela UHE Itá, notamos que não há bibliografia sobre a temática neste recorte territorial em questão. Desta forma, sentimos a necessidade de elaborar esta pesquisa como possibilidade de uma futura contribuição sobre a relação que os moradores da cidade de Itá estabeleceram com seu “novo” lugar de moradia. Portanto, o tema ainda é um campo a ser bastante explorado e esta pesquisa pode abrir caminhos para outras.

A metodologia desse trabalho esteve direcionada à necessidade de correlação de conceitos geográficos, de informações sobre a implantação e o funcionamento de uma Usina Hidrelétrica e sobre a cidade de Itá, com as informações levantadas por meio de 14 entrevistas com moradores, com idade média de 62 a 86 anos. Lembrando que o roteiro destas entrevistas esteve diretamente relacionado com conceitos da Geografia (ambiente, paisagem e lugar), pressupondo que seja possível detectar as principais impressões observadas deste lugar (pela pesquisadora), confrontando com as impressões prováveis dos moradores da cidade. Para tanto, foram realizados os seguintes procedimentos:

- Trabalhos de campo para coletar materiais e informações (material bibliográfico e arquivos fotográficos), enfim, para uma pesquisa inicial exploratória: reunindo materiais relacionados à antiga e à nova cidade de Itá, documentos referentes à criação e implantação da UHE;
- Assim, a organização do levantamento bibliográfico, inclusive a partir de entrevistas preliminares com pessoas que estão envolvidas no problema pesquisado;
- Visita às instalações da UHE, para se obter informações e registros de imagens da paisagem atual;
- Visitas técnicas à Secretaria Municipal de Assistência Social, cujo contato com as pessoas mais idosas foi permitido através do trabalho da assistente social na condução do projeto de inclusão de pessoas com faixa etária acima de 60 anos.
- Entrevistas com 14 moradores da velha cidade de Itá-SC (que vivenciaram a transformação da paisagem, que tivessem condições de

fazer uma comparação entre o presente e o passado, com lembranças desde os primeiros momentos de difusão da informação sobre o projeto da usina). Essas entrevistas continham 11 pontos com questões abertas (ver quadro a seguir), que puderam ser desdobradas em outros questionamentos para que, assim, fossem mais bem evidenciadas as concepções que os moradores possuem do lugar em que viveram, do lugar em que vivem e do lugar em que viverão (ou seus filhos, netos, bisnetos);

- Por fim, a transcrição e análise das entrevistas e uma exploração sobre a percepção dos moradores em relação à paisagem que se tinha antes e depois da construção da UHE.

Quadro 1 – Roteiro das entrevistas realizadas com os moradores da cidade de Itá-SC – que presenciaram a inundação da cidade, em decorrência da instalação da UHE:

QUESTÕES	INTENÇÕES
1- Nome, idade, estado civil, profissão, com quem morava e mora atualmente?	Conhecer um pouco sobre o entrevistado.
2- Sempre morou nesta cidade? (Se sim – quais os motivos que lhe fizeram ficar aqui; se não – onde já morou? Por que saiu da cidade e por que voltou?)	Entender por que o morador ainda mora na cidade e/ou verificar o que o motivou a sair deste lugar.
3- Como era a sua vida na velha Itá e como é a agora? (Diferenças e semelhanças).	Entender a percepção e a representação do lugar e da paisagem entre passado e presente.
4 – O Senhor (a) gostava de morar na “velha” Itá? Por quê? Qual a sua principal lembrança? Qual imagem lhe vem à cabeça?	Identificar os laços afetivos e as relações de pertencimento do entrevistado com relação à velha cidade.
5 - De que maneira você ficou sabendo da possível implantação da UHE? E, como foi a reação da população naquela época?	Buscar descrever a reação do morador com a informação de que sua vida (e suas relações com seu espaço de vivência) mudaria de forma abrupta.
6 – Como o Senhor (a) avalia a situação dos recursos naturais e do meio ambiente que existiam na velha Itá e foram atingidos e/ou extintos?	Buscar entender como o entrevistado interpretava o estado dos recursos naturais na época em que o empreendimento ainda não tinha chegado.
7 – Caso tivesse que falar/apresentar o local em que vive para um parente distante ou amigo que nunca esteve aqui, qual fotografia enviaria para esta pessoa? Existe algo na cidade que o Senhor (a) acha que deveria desaparecer? Algo que lhe incomode? Por quê? Existe alguma paisagem que merece ser fotografada porque, no futuro, ela pode desaparecer?	Identificar a relação entre paisagem e identidade; Criar um banco de fotografias valorizando a perspectiva do entrevistado; Entender a relação com as paisagens em mutação.
8 – Quais as vantagens e as desvantagens da nova cidade com relação à velha?	Entender as vantagens e desvantagens de modo mais amplo. O entrevistado tenderá a passar informações que podem ser importantes para compreender relações de sociabilidade, relações com o mundo do trabalho, questões de cunho econômico,

	político ou até mesmo cultural.
9 - Em relação às mudanças ocasionadas através da implantação da UHE, como você as classificaria? Positivas? Negativas? Por quê?	Compreender o caráter do vínculo que o morador tem com a atual cidade.
10 – Quais os métodos de indenização que foram designados na época para as famílias atingidas? Qual a forma que a sua família escolheu? Como você julga a atuação do poder público e MAB nas questões de interesse dos moradores na época da inundação? E nos dias atuais?	Compreender como a indenização pode ou não ter influenciado nos atuais discursos do morador quanto à instalação da UHE e as mudanças que ocorreram.
11- O Senhor (a) considera a sua vida melhor na “nova” cidade de Itá? Por quê? Como o Senhor (a) imagina o futuro da cidade? (Perspectivas futuras).	Entender o modo de perceber e representar o lugar e a paisagem entre presente e futuro.

Elaboração: Daiane Quadros; Reginaldo Souza, 2016.

Para tanto, esse trabalho foi estruturado em três capítulos: uma contextualização da temática e da área de estudo (questões sobre a produção de energia, sobre as usinas hidrelétricas e uma abordagem histórica sobre a cidade de Itá); elementos teórico-metodológicos presentes nos conceitos: ambiente, paisagem e lugar e como eles podem ser trabalhados na perspectiva da percepção ambiental, fundamentais para a base do desenvolvimento de uma argumentação sobre a problemática deste estudo. E, por fim, a percepção ambiental dos moradores da cidade de Itá.

CAPÍTULO 1: CONTEXTUALIZAÇÃO DA TEMÁTICA E DA ÁREA DE ESTUDO

Entende-se que, para chegar no objetivo da pesquisa, é relevante compreender os fatores que influenciaram a construção desta usina, para tanto, neste capítulo apresentar-se-á os elementos que levaram à construção da UHE-Itá, como a questão da produção de energia, argumentos sobre a construção de UHEs no país e elementos históricos e geográficos sobre a cidade de Itá. Deste modo, foram utilizadas fontes de informações (NETO, 2010; OLIVEIRA, 2004; MORAES, 2007) que permitiram debater a questão da produção de energia hidrelétrica, as UHEs propriamente ditas e aspectos geohistóricos da cidade de Itá.

1.1 NOTAS SOBRE A PRODUÇÃO DE ENERGIA EM HIDRELÉTRICAS

Existem diversas formas de produção de energia elétrica, através de placas fotovoltaicas, de centrais eólicas, da força das marés, no entanto, habitualmente as que são mais utilizadas são a hidrelétrica e a térmica. Esta primeira se desencadeia através dos estímulos utilizados para a movimentação da água e sua transformação de energia mecânica em energia elétrica e a segunda, realizada através do calor, proporcionando a geração de energia elétrica com o auxílio de combustíveis líquidos, sólidos e minerais. (NETO, 2010).

Um dos benefícios da transformação da força hidráulica em energia elétrica é que, quando comparada a outras fontes energéticas, como a nuclear e a oriunda da queima de combustíveis fósseis, esta é considerada como um recurso limpo, que não degrada a água e nem gera resíduos poluentes, produz energia a um baixo custo e é uma fonte energética renovável. Atualmente, a energia hidrelétrica é responsável por suprir mais de 24% da energia consumida no mundo, atingindo mais de 1 bilhão de pessoas. (OLIVEIRA, 2004, p. 33,34).

Toda forma de gerar energia artificialmente traz consequências para o meio ambiente, com maior ou menor intensidade. Porém, quando a sociedade interfere na natureza, desmatando, poluindo, extinguindo animais ou mudando o curso de um rio, afeta diretamente o ciclo natural de algumas dinâmicas, modificando paisagens e

determinando outros comportamentos, impondo como as coisas irão funcionar, ou seja, impondo novas dinâmicas que artificializam uma parte dos elementos da natureza.

É preciso deixar claro o modo como compreendemos o meio ambiente. Este é por nós visualizado como um produto de hibridação, ou seja, como uma fusão entre sociedade e natureza.

No meio desta fusão, quando as forças de uma das dimensões se sobrepõe à outra, algumas disfunções aparecem. Por exemplo, se as forças das dinâmicas da natureza são capazes de causar danos incontroláveis, como com a passagem de um furacão ou um tornado, então se configura aquilo que comumente se chama de catástrofe: uma catástrofe natural.

Por outro lado, quando as forças das dinâmicas da sociedade causam danos ao longo processo de criação de determinados aspectos físicos, então se configura um impacto ambiental. Podemos exemplificar isso ao verificarmos a agressão de desmatamentos intensivos em diversos domínios de vegetação, que fazem com que a constituição de elementos naturais em longo tempo seja suprimida pelas ações da sociedade. Nesse aspecto, podemos falar dos desmatamentos de imensas coberturas vegetais, das atividades de extração mineral ou da formação de lagos artificiais para empreendimentos hidrelétricos, que alteram profundamente as dinâmicas dos ecossistemas fluviais.

A produção de energia por meio de centrais hidrelétricas, portanto, também comparece como alto potencial de impacto ambiental na medida que causa transformações em dinâmicas da natureza. Quando tratamos desta problemática, é importante considerar que não apenas os elementos físicos da paisagem são modificados, mas, também, as vidas de pessoas que se encontram em áreas próximas das centrais de produção serão afetadas.

Do ponto de vista dos empreendimentos:

(...) a principal vantagem da eletricidade consiste na facilidade de transporte de energia a baixo custo pelo uso de redes de transmissão. Aliado a isso, a eletricidade possui a capacidade de ser transformada em qualquer outra energia, o que a converteu em uma das fontes energéticas mais utilizadas no século 20. (SAMEK, 2010, p. 10).

Geralmente, o discurso das UHEs é de que a forma mais limpa de obtenção de energia é por meio de hidrelétricas, e a forma mais fácil de obter essa energia é através dos grandes rios. Sendo o Brasil um país com uma quantidade abundante de rios, se dá

o principal motivo da instalação em todo o seu território de usinas hidrelétricas. Desta maneira, 90% da eletricidade produzida no Brasil tem procedência hídrica, de acordo com dados do Programa Mensal da Operação NOS, em maio de 2007. (MORAES, 2007 p. 25 [2010]).

Ainda, de acordo com Moraes (2007):

As necessidades de energia do Brasil vão muito além do pouco que se tem feito nessa área. Para suportar as necessidades de crescimento do país precisamos implantar a cada ano cerca de 5.000 MW de nova capacidade instalada. (2007, p. 25 [2010]).

Contudo, além da questão sobre as hidrelétricas estar cada vez mais em alta, ou seja, além de possuir diversas hidrelétricas pelo Brasil, muitas dessas atingindo as pessoas de forma negativa, não obstante, o governo, engenheiros e grandes empresas, acreditam que se necessita a construção de um número ainda maior. O que se pode certificar, em conformidade com Rocha (2013), que de acordo com os projetos e instalações em andamento (Aneel/BIG, 2011), presume-se que terá, nos próximos anos, um número superior a 200 empreendimentos de UHEs.

Para tal verificação do crescimento da quantidade das hidrelétricas no país, é interessante uma observação na figura 2, da quantidade de condições para a geração de energia, sendo a água a principal fonte.

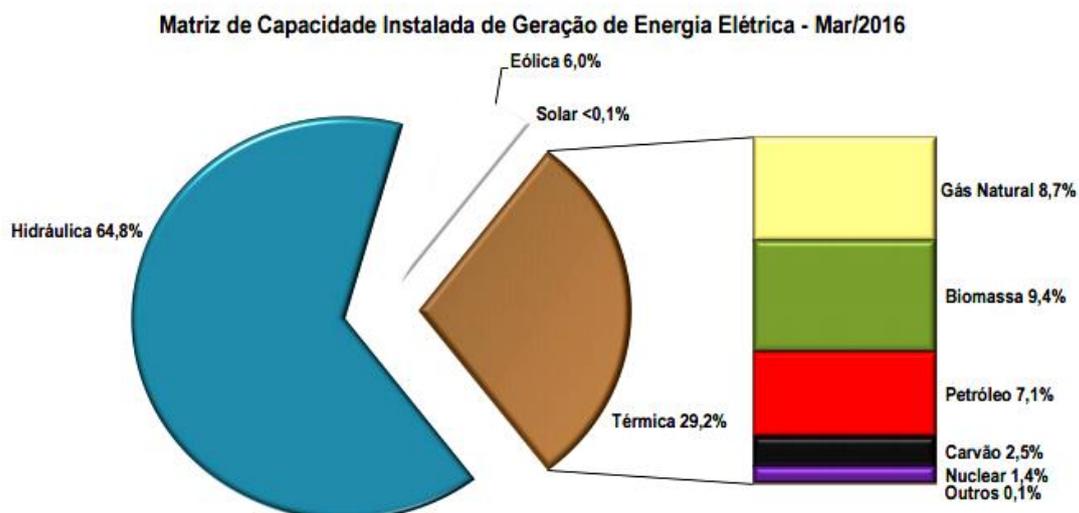


Figura 2 – Matriz de Capacidade de geração de Energia Elétrica no Brasil. Fonte: MME e ANEEL – Boletim Mensal de Monitoramento do Sistema Elétrico Brasileiro, julho de 2015.

Dizer que a energia elétrica é uma forma de energia “limpa, renovável e barata”, é uma visão equivocada. Os interesses por trás da construção das UHE são inúmeros, o aproveitamento do potencial geológico para a produção de energia que sustenta a base econômica, que é o capitalismo, os municípios financeiramente ganham com esses investimentos (caso dos *royalties*), os acionistas desses grandes empreendimentos terão lucro, os governos estaduais e federais se aproveitam da arrecadação de impostos, e tudo se fundamenta principalmente no crescimento econômico do Brasil, aumentando assim a produção de mercadorias, as relações comerciais, as exportações e ampliando o capitalismo.

No caso específico de Itá¹, é importante destacar que as pessoas diretamente afetadas, em certos casos, acreditam que ganharam com o empreendimento também, por exemplo, uma cidade nova, uma moradia nova, algumas atividades diferentes na cidade ou na casa nova, entre outras promessas de eldorados. A partir de algumas análises preliminares, pareceu-nos que determinados discursos servem para deixar as pessoas com uma impressão ludibriada, pois, no fundo, nas suas percepções, elas voltam sempre para o passado, essas impressões das coisas que um dia já tiveram e/ou já viveram as emociona.

Portanto, além do que foi dito, a sensação que há, é de que as percepções das pessoas acabam por se tornar algo quase que “esquizofrênico”: como se sempre tivesse ali um fantasma que as fazem voltar para o passado, considerando as suas perdas (as lembranças e os apegos com a cidade velha, agora submersa) ou um fantasma que sempre canta o progresso, o novo e a felicidade com o futuro (os visíveis discursos da implantação do projeto da UHE ainda vivos e atuantes na memória dos moradores de Itá).

Voltando para uma abordagem mais geral sobre o tema: mesmo o fornecimento de energia é imensamente desigual, comparando os países do hemisfério norte com os países do hemisfério sul, bem como inclusive em cada país se determina como será compartilhada a riqueza. Não obstante, no Brasil, a correspondência nos serviços que circundam o proveito energético e a produção de bens é intensamente desigual se tratando da população no geral. Onde uns conseguem ter acesso à iluminação, aquecimento, refrigeração e outros não. (BERMANN, 2003).

¹ Itá é uma cidade que está localizada ao Oeste do estado de Santa Catarina, no Alto Vale do rio Uruguai. Fazendo limites com os municípios de Seara-SC (norte), Aratiba-RS (sul), Concórdia-SC (leste) e Paial-SC (oeste). Possuindo 165 km² de extensão territorial e 6.426 habitantes, conforme o censo 2010 (IBGE).

De acordo com Bermann:

Se toda a energia produzida no mundo fosse compartilhada igualmente por todos os habitantes do planeta, os EUA teriam que viver com apenas 1/5 da energia per capita que consomem anualmente. (...) Sob o ponto de vista da sustentabilidade, seria mais coerente estipular tetos de consumo e não cestas básicas. (2003, p. 17)

Essa citação nos remete à principal ideia das UHEs, as quais são instaladas com sustentação de grandes empresas privadas e do governo para a obtenção de mais capital. Onde todos ou a maioria de grandes empreendimentos funcionam, sobretudo objetivando ao lucro em primeiro lugar. Ainda, remetendo ao fundamento capitalista, em que o consumo e o desperdício são dois importantes componentes.

As usinas hidrelétricas construídas até hoje no Brasil resultaram em mais de 34.000 km² de terras inundadas para a formação dos reservatórios, e na expulsão - ou, "deslocamento compulsório" - de cerca de 200 mil famílias, todas elas populações ribeirinhas diretamente atingidas.

Com frequência, a construção de uma usina hidrelétrica representou para estas populações a destruição de seus projetos de vida, impondo sua expulsão da terra sem apresentar compensações que pudessem, ao menos, assegurar a manutenção de suas condições de reprodução num mesmo nível daquele que se verificava antes da implantação do empreendimento. (BERMANN, 2002. p. 02)

No livro de Rocha (2013, citando Magalhães, 2007, p. 14), o autor exemplifica o que significa esse “deslocamento compulsório”, que o define como “o processo pelo qual determinados grupos sociais, em circunstâncias sobre as quais não dispõem de poder de deliberação, são obrigados a deixar ou a transferir-se de suas casas e/ou de suas terras”. Isso ainda remete a um constrangimento e uma limitação ao próprio grupo social de poder se pronunciar, tendo de se submeter às interferências de grupos externos, pessoas, organizações que não se encontram neste lugar.

Como abordamos nesta parte alguns argumentos que vão para além do discurso dos empreendimentos e problematizam a geração de energia e a concepção unilateral de produção através do aproveitamento dos rios, iremos abordar alguns elementos importantes sobre as UHE no Brasil.

1.2 AS HIDRELÉTRICAS NO BRASIL

Segundo dados do IBGE (2010) e de acordo com Rocha (2013), a produção de energia hidrelétrica no Brasil iniciou em 1883, com o primeiro empreendimento a UHE Ribeirão do Inferno em Diamantina – MG e, em 1889, foi instalada a primeira usina de grande porte no rio Paraibuna, em Minas Gerais, na cidade Juiz de Fora, chamada de Usina de Marmelos-Zero. “Além de inaugurar também o fornecimento público de energia elétrica para a cidade de Juiz de Fora, a obra acabou atraindo empresas para a região devido à disponibilidade de energia” (MIELNIK; NEVES, 1988, p.17-18 apud ROCHA, 2013, p.75).

A energia elétrica do Brasil passou por fases em que as competências eram de iniciativa privada ou do comando do estado. Nos dois cenários estavam em incumbência de grupos econômicos estabelecidos, de acordo com a questão “de eles controlarem as empresas responsáveis pela geração, transmissão e distribuição de energia ou pelas mesmas se apossarem do Estado, quando este passou a se responsabilizar por estas atividades” (FOSCHIERA, 2009, p.89).

A percepção de que o controle do setor elétrico estava nas mãos de grupos econômicos privados, que a usavam em benefício próprio, apesar de em seus discursos destacarem os benefícios da sociedade como um todo com a utilização da mesma, fez surgir o questionamento sobre “energia para quê e para quem”? Para qual finalidade estava se construindo a infraestrutura elétrica? Quem eram os grandes consumidores da energia produzida? (FOSCHIERA, 2009, p. 89).

Assim, acontecia e acontece até hoje. Com um discurso próprio, as grandes empresas querem passar que todas as suas ações são voltadas para o bem da sociedade no geral, e que todos poderão se favorecer. Ainda, consideram que, se por acaso, alguma de suas ações prejudicará o ambiente, estas serão compensadas por dinâmicas de sustentabilidade. Ou seja, se desmatam uma área, em um outro lugar distante plantam mais árvores.

De acordo com McCully (1996, p.2), mais do que simples máquinas geradoras de eletricidade e armazenamento de água, as barragens representam, em concreto, rocha e terra, a ideologia dominante da era tecnológica. Como ícones do desenvolvimento econômico e do

progresso científico, as barragens representam o triunfo da dominação do homem sobre a natureza. (VIANA, 2003, p. 18).

Geralmente se associa a difusão de empreendimentos hidrelétricos no país em virtude de seu potencial hidrográfico. No entanto, é preciso considerar que o que pode parecer uma potencialidade para a economia também aparece contraditoriamente como uma desvantagem para o meio ambiente e para grupos de pessoas que são atingidos pelos empreendimentos.

Assim, é preciso levantar estudos detalhados de impacto socioambiental antes da implantação de barragens, formação de lagos e funcionamento das usinas. Esses equipamentos, quando implantados no território, transformam as paisagens de modo incisivo. Para os grandes projetos de construção das UHEs, precisa-se averiguar todas as situações no individual, pois os equipamentos para esses empreendimentos são únicos e precisam ser produzidos para se adequar ao ambiente onde serão inseridos.

Evidentemente, não há como desconhecer que a construção de hidrelétricas gera impactos socioambientais relevantes, positivos e negativos, antes, durante e depois de sua implantação. Entre os principais está a formação de reservatórios, que por menores que sejam sempre indisponibilizam terras, muitas delas produtivas ou urbanas. (SAMEK, p. 12, 2010).

Muitas vezes, a remoção das pessoas de seus lares ocorre de forma compulsória, e não é simplesmente a remoção física que afeta os moradores, mas também a questão afetiva e cultural para com o lugar que, em muitos casos, as pessoas nasceram, cresceram e ali se casaram, criaram filhos. São lembranças que terão que carregar para toda a vida de um lugar que lhes foi tirado para a construção de uma usina hidrelétrica.

1.3 A CIDADE DE ITÁ NO CONTEXTO DESTA PROBLEMÁTICA

Neste momento é importante trazer alguns aspectos da história do município de Itá. O intuito não é abordar exaustivamente todos os acontecimentos, mas apenas contextualizar o leitor em alguns fatos considerados relevantes.

Inicialmente, salienta-se uma particularidade referente ao próprio nome da cidade: Itá significa pedra em Tupi-Guarani. Segundo informações presentes no sítio

eletrônico da prefeitura², a ideia deste batismo foi do colonizador Luiz Campos desde os primeiros momentos da colonização. O município foi colonizado em 1919, através da Empresa Luce Rosa & CIA LTDA, vinda de Porto Alegre, e a primeira família a se instalar no povoado foi a família Schauble, de nacionalidade alemã, vinda de São Paulo.

Com 6.426 habitantes, conforme o censo 2010 (IBGE), o município está localizado ao Oeste do estado de Santa Catarina, no Alto Vale do rio Uruguai. Ele faz limite com os municípios de Seara-SC (norte), Aratiba-RS (sul), Concórdia-SC (leste) e Paial-SC (oeste). Possuindo 165 km² de extensão territorial.

Itá (ver figura 3) se encontra em uma região de relevo marcadamente dobrado e com o vale encaixado do Rio Uruguai, disposto com alta declividade. A acomodação dos derrames em camadas é responsável pela presença de patamares. Há o predomínio de rochas basálticas. O ponto mais elevado é o *Morro do Kolbow* (Mirante do Caracol) com 800 metros aproximadamente. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013).

Com relação à vegetação, o município se apresenta com mata primitiva, mata secundária e mata implantada, que se caracterizam respectivamente por uma cobertura vegetal nativa, uma recomposição natural, incluindo capoeiras altas, e o reflorestamento. Itá é banhado por quatro rios principais: Rio Uruguai, Rio Engano, Rio Jacutinga e Rio Ariranhazinha. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013).

A atual forma urbana de Itá está relacionada às características morfológicas do novo sítio:

[...] apresenta uma estrutura urbana linear, definida por um eixo viário que atravessa a cidade (zona residencial/centro urbano/ zona residencial) canalizando os fluxos mais intensos em termos de veículos e pedestres. Conecta-se no extremo leste com o trevo de acesso à cidade e no extremo oeste com a estrada de acesso à UHE-Itá e com estradas vicinais de ligação com o interior do município. O acesso à UHE-Itá foi proposto através de rodovia paralela ao eixo estrutural para evitar o trânsito pesado dentro da cidade. Ruas secundárias e terciárias complementam o sistema viário, 95% asfaltado. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013, s/p.).

Na imagem do Google Earth a seguir, podem-se identificar alguns pontos da cidade como foi destacado e relacioná-la com a Fotografia 1, a qual mostra alguns

² <http://www.ita.sc.gov.br/>

componentes aliados ao turismo da cidade, o Balneário, Hotel, Área de camping, entre outros.



Figura 3: Imagem aérea da cidade de Itá-SC. Nesta imagem fica possível a visualização da cidade de Itá no seu todo, em como a cidade se distribui pelas áreas de topo. É possível ainda identificar a altura em que ele está situado em relação ao rio. Na parte inferior à esquerda localiza-se O Mirante do Caracol (ponto 1) e na parte inferior à direita localiza-se o Balneário (ponto 2). Fonte: Google Earth (2016). Adaptado: Daiane Quadros, 2016.



Fotografia 1 - Essa foto é mais específica da parte turística da cidade, mostrando o Balneário, a área de camping, o “rio”, o hotel, vertentes desmatadas. Segundo o Departamento de Cultura, a

cidade possui poucas indústrias, mas com a instalação de um balneário, a tirolesa, outros atrativos como passeios e trilhas ecológicas e a construção de hotéis, está se ampliando o setor turístico (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013). Fonte da foto: SOUZA, 2009.

Itá possui duas casas que testemunham toda a sua história e da colonização regional, essas casas são lembranças da velha cidade que, com a cheia do lago artificial da usina e submersão de toda a velha Itá, esses exemplares arquitetônicos foram trazidos para a nova cidade e se transformaram em museus nos quais se depositam as memórias mais palpáveis, através de objetos antigos, quadros, fotografias e materiais bibliográficos. Essas casas, uma no padrão italiano e outra no padrão alemão, foram trazidas devido a questão de serem um patrimônio histórico para a cidade. Assim como as Torres da Igreja, lembranças da velha cidade.

A Casa da Memória – Casa Camarolli (Fotografia 2) é um pequeno museu da cidade, onde estão diversos objetos antigos que pertenceram a diversas famílias.



Fotografia 2 – Casa da Memória, esta casa foi construída em 1945, por Felipe Camarolli e significa um dos testemunhos mais importantes da descendência italiana na cidade de Itá. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013). Fonte da foto: Daiane Quadros, 2015.

A relocação da “Casa Camarolli” e sua adaptação como “Casa da Memória” resultaram do esforço conjunto da Eletrosul, da Fundação Catarinense de Cultura, da Prefeitura Municipal de Itá, do IPHAN (Museu Imperial de Petrópolis), do Museu Histórico de Concórdia, das famílias que doaram ou emprestaram móveis, objetos, documentos e fotografias; e prestaram valiosos depoimentos sobre a história do município. Além das pessoas da comunidade que auxiliaram na coleta

e organização do acervo. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013, s/p.).



Fotografias 3, 4, 5, 6 – Antiguidades no interior da Casa da Memória. A Casa funciona atualmente como um importante centro de documentação do município. Vários objetos das famílias mais antigas foram doados e são mantidos como estratégia de preservação da memória da vida em uma cidade que ainda existe, mas, não como anteriormente. Fonte: Reginaldo Souza, 2015.

A Casa da Cultura – Casa Alberton (Fotografia 7) é uma importante lembrança da arquitetura alemã na cidade de Itá. Nesta casa há uma sala para projeção de vídeos e filmes, uma biblioteca, um salão para exposições com fotos da velha cidade e muitos arquivos com registros e documentos importantes sobre a realocação da cidade e a construção da Usina.



Fotografia 7 – Casa Alberton: Em função das negociações decorrentes da mudança da cidade, a casa foi entregue a Eletrosul (atual Gerasul) em outubro de 1995. Em 1996, quando foi deslocada, já estava bastante deteriorada em decorrência de invasões e ações predatórias. Em 1997 foi relocada e restaurada pela Gerasul e a partir de um projeto que definiu sua adaptação como espaço cultural, integrante a “Casa da Cultura de Itá”. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013). Vale destacar a presença da réplica da antiga igreja, que será mencionada a seguir. Fonte da foto: Reginaldo Souza, 2015.

A Igreja São Pedro (Fotografia 7,8 e 9), marco da história da cidade de Itá, em que as suas torres despontam no “rio” Uruguai, iniciou a sua construção no dia 20 de abril em 1958, em 1993 foram realizados os últimos casamentos nesta igreja e o último batizado. No dia 11 de setembro do mesmo ano foi realizada a última missa. (PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ, 2013).

Essas torres nos remetem a questão dos anseios dos moradores da cidade, pois é só por causa do apelo que estes fizeram, que elas continuaram ali, como um marco da cidade velha, de um lugar que algum dia existiu. De acordo com as pessoas que foram entrevistadas, a maioria da população da “velha Itá” tinha o desejo de que as Torres não fossem destruídas, que ficassem intactas como uma lembrança da cidade em que

moravam, para que pudessem ser vistas por filhos, netos e outras pessoas que visitassem a cidade.



Fotografia 8 – A Igreja de São Pedro antes do enchimento do lago. Situada no final da rua principal de Itá, rua esta de calçamento. Nesta foto é possível observar a localização da antiga cidade, que situava-se no fundo de um vale, sendo realocada para um sítio mais elevado, ocorrendo significativamente a transformação da paisagem em questão em consequência da instalação da UHE Itá. Fonte: SOUZA, 2009.



Fotografia 9 – As torres da Igreja nos dias atuais. Fonte: Daiane Quadros, 2015.

A igreja parece ser um símbolo de forte presença na identidade e na percepção dos moradores de Itá (Fotografia 10 e Figura 4). Nas entrevistas elas foram referenciadas em vários momentos e as reproduções desse símbolo tanto ao lado da nova igreja quanto ao lado da Casa Alberton deixa claro a importância que ela teve/tem como uma representação de uma cidade que ficou apenas na memória dos moradores.



Fotografia 10 – A antiga Igreja de São Pedro em miniatura ao lado da nova Igreja. Percebe-se a importância que a população confere a antiga Igreja como símbolo de lembranças de um passado que não volta mais, mas, de um futuro que se pretende melhor economicamente, principalmente com a atividade turística como se vê abaixo. Fonte da foto: Reginaldo Souza, 2015.



Figura 4 - Símbolo da Liga Independente das Escolas de Samba de Itá. Mais uma vez as Torres da Igreja aparecem, agora como chamativo para o carnaval da cidade, conhecido regionalmente. Na nossa interpretação, a mistura do “sagrado e do profano” pode ser vista como referência aos discursos confusos sobre dois sítios urbanos diferentes para uma mesma cidade. Isto será analisado no capítulo específico sobre a percepção das transformações ocorridas em Itá, antes e depois da UHE. Fonte da imagem: <http://carnavalita.com.br/site/ita-sc>

A partir da fotografia das torres da igreja que restaram como elemento da memória de uma cidade relocada em função de um empreendimento econômico, percebemos que Itá, que significa pedra em tupi-guarani, muito contraditoriamente, não teve como resistir à rapidez da territorialização dos interesses econômicos que levaram à construção da barragem.

1.3.1. Compreendendo a história da construção da UHE Itá.

A ELETROSUL foi a empresa responsável pelo empreendimento da UHE em Itá que, no ano de 1995, abriu-se ao capital privado, estruturando o Consórcio Itá. Então, o empreendimento começou a ser organizado pela GERASUL - pela Companhia Siderúrgica Nacional (CSN), Odebrecht Química S.A. e Companhia de Cimento Itambé, as quais constituíam as empresas do setor privado. (VIANA, 2003).

Conforme o Consórcio Itá (2000), a instalação da UHE Itá ocorreu em um período de 35 anos. Desta maneira, em 1966-1969 foram realizados estudos para descrever os recursos hidroenergéticos da bacia do Rio Uruguai para constituir um planejamento e/ou um roteiro de construção de usinas hidrelétricas, isso tudo a cargo do Comitê de Estudos Energéticos da Região Sul.

Nos anos de 1977-1979, os estudos foram retificados para o melhor rendimento energético do rio. “Deste inventário sai um projeto dimensionado com 22 usinas em toda bacia. Itá figura entre as prioritárias, devido ao seu porte e ao custo relativamente baixo da energia gerada” (CONSÓRCIO ITÁ, 2000, p. 39).

De 1979 a 1981, foram feitos estudos de viabilidade e posteriormente (1984 e 1985) estes foram revisados, em decorrência de algumas alterações hidrológicas ocasionadas por enchentes na bacia. Neste período, modificou-se a colocação da barragem, que passou a “ficar à montante da foz do rio Uvã”. Desse modo, a área de reservatório ficou um pouco menor, mas a comunidade que era habitada ali foi ameaçada do alagamento. Ainda, “[...] começaram as providências com relação à realocação da cidade de Itá”. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000, p.39).

Nos anos de 1986 e 1987 foi realizado o prosseguimento e a verificação do Projeto Básico, que tinha sido autorizado pelo Departamento Nacional de Água e Energia Elétrica. Em 1989, “o Brasil decreta moratória e o financiamento acordado com o Banco Mundial para a construção da Usina é suspenso”. E, no ano de 1993, com o

anúncio de dois decretos federais, é aprovada a parceria entre Estado e a iniciativa privada para a conclusão das obras das hidrelétricas que estavam estagnadas, deixando assim todas as empresas privadas com “o direito de explorar economicamente a energia gerada”. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000, p.138).

Em 1994 e 1995, através de licitações, é escolhido o consórcio que incorporará junto com a Eletrosul as obras da Usina, sendo estas a Cia de Cimento Itambé e a Itasa. Em 1996 e 1997 iniciam a construção da ensecadeira e da casa de força, com material rochoso e, ainda, ocorre o desvio do Rio Uruguai, ao longo de cinco túneis. Em 1998, a Gerasul – Eletrosul é privatizada, a UHE Itá passa a ser administrada pela Tractebel, um grupo Belga. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000).

Em 1999 inicia o enchimento do reservatório, sendo ocupado por uma área de 141 km², cujos 103km² abrangem a área que foi inundada. No ano 2000 a Usina começa a gerar energia e em 2001 terminam-se as obras e se inicia amplamente o funcionamento da UHE Itá. (CONSÓRCIO ITÁ, 2000).

A respeito do reservatório, este possui uma barragem dominante, com presença de concreto do tipo enrocamento, sendo a sua altura de 125 metros, possuindo ainda 3 barragens coadjuvantes. Com um total de 1.450 MW de potência e possibilidade de 668MW de energia a Usina começa a operar. (VIANA, 2003).

Os estudos para a implantação da UHE Itá indicaram que a área urbana do município Itá ficaria inundada pela formação do lago artificial da usina. Este fato foi comunicado à população no ano de 1979, e para tanto uma nova cidade precisou ser construída, a qual teve sua inauguração no ano de 1996. A nova cidade de Itá foi construída a poucos quilômetros de distância da antiga cidade e em um local conhecido como “Altos de Itá”. (MARTINI, 2015, p.41).

Em 1987, ocorreram as primeiras mudanças da população. Neste período, na cidade nova, só faltavam ser finalizadas as obras referentes às residências, porém, com a redução dos recursos federais, as obras tiveram seu ritmo reduzido. Conseqüentemente entre 1988 e 1991 houve a coexistência entre a cidade velha e nova de Itá. Somente em 1995 toda a população havia se mudado para a nova cidade. (MARTINI, 2015, p. 42).

Assim, com todo esse processo que ocorreu para a construção da UHE, sabendo que os moradores da cidade de Itá presenciaram cada etapa desse feito e, principalmente, tiveram que passar por outro processo ainda mais impactante, que foi a realocação de toda a área urbana da cidade.

CAPÍTULO 2 – CONCEITOS ESTRUTURANTES: AMBIENTE, PAISAGEM E LUGAR.

Durante o processo de realização de uma pesquisa científica é necessário organizar e construir a análise que será argumentada mediante conceitos, hipóteses, reflexões, concepções fundamentadas em teorias, em conformidade com o procedimento que será assumido.

Ao pensarmos em como identificar e entender o espaço geográfico, defrontamos com alguns desafios, pois este conceito é de muita complexidade e, desta forma, é preciso superar visões simplistas sobre os fenômenos e evitar uma leitura imprecisa da realidade. “O espaço é idealizado como global, entretanto enquanto definição, sua exploração e seu reconhecimento são realizados de forma parcial, particularizando as suas dimensões”. (OLIVEIRA, 2004, p. 48).

Desta maneira, dentre os conceitos geográficos para aprofundar a análise do nosso problema de pesquisa, utilizaremos os conceitos de Ambiente, Paisagem e Lugar. Os quais são diferentes, mas, sem que isso signifique que sejam divergentes. As definições destes conceitos interagem entre si e ampliam as interpretações sobre as relações entre a sociedade e a natureza e suas consequências.

Suertegaray (2002) lembra que o olhar para um conceito constitui um filtro que ressalta o que esse conceito indica. Assim, considera-se que o olhar através destes conceitos permitirão uma melhor reflexão sobre a realocação da cidade de Itá-SC e o modo como o fato foi e é interpretado pelos moradores e suas diferentes percepções.

No primeiro instante sobressaem tratados aspectos teóricos da questão ambiental e seus princípios, analisados por autores como Holzer, 1997; Theis, 2006; Serrão, 2014; Silveira, 2012; Suertegaray, 2001, 2004 e 2005; Souza, 2010 e 2015 e outros. Enfatizando principalmente a questão do ambiente percorrido através do encadeamento da relação sociedade e natureza.

Seguidamente, será percorrido sobre a ideia de paisagem, indagado por autores, como: Oliveira, 2004; Serrão, 2013; Souza, 2015; Souza, 2009 e Vitte, 2007.

Ainda, será considerado o entendimento sobre lugar, na visão de Carlos, 2007; Holzer, 1999; Lima, 2009; Mello, 2012; Oliveira, 2012; Suertegaray, 2005 e Tuan, 2011.

E por fim, trabalhado a percepção ambiental, com o apoio de Fernandes, 2009; Holzer, 1997; Serrão, 2013; Oliveira, 2009; Souza, 2015.

2.1 AMBIENTE

Para a discussão dos conceitos que serão trabalhados nesta pesquisa, iniciamos com o de *Ambiente*. Este conceito nos remete a uma percepção de um espaço intrinsecamente ligado ao social e ao natural, vinculando o homem com a natureza, não existindo uma separação entre esses dois elementos.

Diante disso, é interessante ressaltar a importância do ambiente, partindo dos aspectos históricos, onde se interliga o tempo e o espaço e esses se tornam fundamentais para um melhor entendimento das transformações que estão acontecendo com a natureza, com a sociedade e com as dinâmicas e processos socionaturais.

Tratar cientificamente do ambiente ou do meio ambiente significa atentar para o fato de que muitos discursos precisam ser superados a fim de se compreender realmente as dinâmicas e processos socionaturais. Por exemplo, as catástrofes que quase todos os dias estão nos principais noticiários, alarmando as pessoas. No senso comum essas catástrofes são anunciadas como sendo de responsabilidade exclusiva da natureza.

Ou, simplesmente, as coisas estão como estão em virtude do longo processo da destruição do ‘natural’? Ou seja, o homem interviu na natureza, modificou espaços, estabeleceu como a natureza iria se portar, e essa simplesmente está tentando se reestabelecer. As causas desses eventos, tais como, enchentes, soterramentos e desmoronamentos de encostas, escorregamentos, etc., “podem ter origem na natureza, mas, há poucas dúvidas de que a forma como a sociedade se relaciona com o meio físico contribuiu para que assumissem a amplitude que tiveram”. (THEIS, 2006, p. 13).

E, toda essa transformação com relação à natureza se dá por conta de uma suposta ideia de progresso das cidades, do avanço do capitalismo. Assim, nas grandes cidades se assiste à geração de mais indústrias, estas sempre querendo aumentar seus ganhos e, com tal característica, fortalecer o capitalismo. Com toda essa movimentação se inicia a ligação diretamente do homem com a natureza, ou a transformação do homem para com a natureza e da natureza para com o homem, ambas intermediadas por uma fusão entre técnica e dinâmicas da própria natureza.

E, assim, procuramos definir ambiente em um aspecto amplo e com muitas interpretações. A seguir, algumas abordagens serão apresentadas.

Ambiente, muitas vezes, é tido como tudo o que nos cerca desde o “ar que respiramos ao conjunto das condições biofísicas da vida orgânica e permanência da vida sobre a Terra.” (SERRÃO, 2014, p. 17).

A conversão entre ambiente e natureza, como se de sinónimos se tratasse, evita que a filosofia ambiental se sinta obrigada a esclarecer o próprio conceito de natureza, que permanece indeterminado, incólume à complexa evolução histórica, nas fronteiras de uma metafísica nunca assumida e prudentemente evitada. Ao mesmo tempo holista e impreciso, reduzido ao conjunto de dimensões físicobiológicas e/ou ecológicas, não remete para uma ideia global de natureza - o ambiente não é uma componente da natureza, mas é a natureza mesma enquanto natureza selvagem— e cuja tipologia e categorização objectiva cabe aos cientistas determinar. O ambiente (natural), por sua vez, subsume em si todos os entes individuais. (SERRÃO, 2014, p. 19)

Através dessa compreensão, pode se estabelecer a diferença entre ambiente e natureza. Ressalvando que esses dois conceitos não são sinónimos, mas estão intimamente ligados, fazendo parte um do outro. Porém, ambiente é algo bem mais amplo do que árvores, rios, terra... essa palavra tão significativa pode representar tudo o que está ao nosso redor, o meio em que vivemos e, para além disso, aquela produção sicionatural que também nos compõe enquanto seres biológicos e culturais.

Todavia, é complicado oferecer exclusivamente uma definição ao que representa ambiente. Para tanto, de acordo com Silveira:

Em suma, queremos dizer que na própria etimologia do termo que o designa, o ambiente já apresenta essa característica de dúvida, incerteza, incompletude. Daí seu caráter complexo e o desafio que se apresenta na sua definição, o que, por outro lado, mostra o quanto simplórias e rasas são as definições dadas a este conceito por diversas áreas do conhecimento e por muitos atores envolvidos na chamada problemática ambiental [...] (SILVEIRA, 2012, p. 51)

O conceito ambiente, muito usado por biólogos e ecólogos, encaminha-se para o lado da Geografia para compreendermos o modo como transformamos e impactamos o espaço geográfico. Se em algum tempo ambiente era considerado só o que fazia parte da natureza, hoje em dia muitos autores relacionam o ambiente também com a sociedade. Uma fusão da natureza com a sociedade.

Reforçando essa ideia, trazemos um trecho em que Suertegaray (2005) cita Gonçalves (1989):

Historicamente, temos também em relação à Geografia uma naturalização do homem, seja no conceito de paisagem, como no de ambiente. Entretanto, Gonçalves (1989), em sua crítica ao conceito de meio ambiente, propõe uma visão de ambiente por inteiro, ou seja, considerá-lo nas suas múltiplas facetas. Não sendo mais possível conceber ambiente como equivalente a natural. O ambiente por inteiro como se refere, implica em privilegiar o homem como sujeito das transformações, sem negar as tensões sob as mais diferentes dimensões. (SUERTEGARAY, 2005, p. 56).

Porém, essa definição do conceito de ambiente é bastante discutida e muitos geógrafos tem ideias diferentes sobre esse assunto. Alguns acreditando e defendendo a ideia na perspectiva naturalista e outros associando o homem, ou melhor, a sociedade e seus processos ao meio ambiente.

No trabalho vamos nos circundar dos autores que estudam e analisam o ambiente de uma forma a envolver o social e o natural. Holzer (1997, p.80) cita Tuan em seu artigo, o qual define ambiente como “as condições sob as quais qualquer pessoa ou coisa vive ou se desenvolve; a soma total de influências que modificam ou determinam o desenvolvimento da vida ou do caráter” (TUAN, 1965, p. 6).

As pessoas vivem em um ambiente, que está sempre sofrendo mudanças em diversos aspectos e sob muitas influências, por isso é fato dizer que o ambiente não é estático, sendo ele constituído, conservado e remodelado através de muitas associações. Ele é mudado a todo instante e, todas as situações que envolvem o ambiente, se fazem compreender as suas modificações, denominadas de transfiguração (SUERTEGARAY, 2005).

Ao longo do tempo, a Geografia vai transformando sua compreensão e passa a pensar o ambiente como homem/sociedade e seu entorno. “O homem não só está envolvido pelos “objetos e ações”, mas envolve-se com eles, numa integração conflitiva” (SUERTEGARAY, 2004, p.116).

Como afirma Bernardes (2009), a atual Geografia começou a relacionar a natureza (o entorno, o físico e os objetos) com a sociedade, trazendo esses dois elementos em uma combinação indissociável. “Todos os elementos que constituem o lugar, o espaço, onde o ser humano vive formam o meio ambiente: o solo, as habitações, o clima, as estradas, as avenidas, etc.” (VESENTINI, 2008, p. 326).

Diante das considerações deste autor, ponderar a ideia da intervenção do homem, através da força do capitalismo nas dinâmicas da natureza, é a forma como o conceito de ambiente se estabelece ou deve ser visto. Através da relação homem contra natureza, ou homem com a natureza, o homem intervindo no meio em que vive, no decorrer das suas práticas, intercedendo na própria ordem da natureza.

Como geógrafos, compreendemos o ambiente como um conceito operacional da ciência geográfica. Ou melhor, é uma forma para estudarmos o espaço geográfico em seu aspecto geral, um ‘filtro’ que usamos na ‘lente’ em que vamos ler as características do espaço, em outras palavras ainda uma estrada que seguimos, definindo nossas marcas, um caminho para geografar. (SUERTEGARAY, 2001 apud SILVEIRA, 2012).

No entanto, isto não significa que este conceito esteja dado a priori. Por isso, buscamos nos basear na ideia de que o ambiente aglutina diversas formas de saber (LEFF, 2000), ao mesmo tempo em que entendemos que tal conceito, por possuir uma dimensão complexa e não definida a priori, apresenta um caráter dúbio, duvidoso, incerto, híbrido, ou seja, o ambi-ente visto como um “ente ambivalente”, ou “ente ambíguo”. Em suma, queremos dizer que na própria etimologia do termo que o designa, o ambiente já apresenta essa característica de dúvida, incerteza, incompletude. Daí seu caráter complexo e o desafio que se apresenta na sua definição, o que, por outro lado, mostra o quão simplórias e rasas são as definições dadas a este conceito por diversas áreas do conhecimento e por muitos autores envolvidos na chamada problemática ambiental, quase um “senso comum técnico-científico” que, ao invés de problematizar o ambiente ou colocá-lo em questão (daí a ideia de “problemática ambiental” ou “questão ambiental”), praticamente muda o foco (ou a “lente”) para um conjunto de práticas ou técnicas pretensamente responsáveis ou sustentáveis do ponto de vista ambiental, sem necessitar entrar no mérito do que é este “ambiental” (SILVEIRA, 2012, p. 52).

Diante das definições conferidas pelos autores mencionados, a compreensão de ambiente para a fundamentação teórica deste trabalho é pautada no ambiente como espaço das relações humanas com as relações da natureza (dos seus próprios elementos e dinâmicas e, destes, com os indivíduos e a sociedade). Este conceito vem sendo interpretado de muitas maneiras, passando de um conceito mais ligado ao natural, que só se referia às ‘coisas da natureza’, até chegar aos dias atuais, em que vem sendo abordado como uma interpenetração da natureza com a sociedade. Neste sentido, na perspectiva de Souza (2010, p. 133), é de extrema relevância que os geógrafos investiguem a problemática ambiental em um âmbito mais geral, conduzindo a questão

longe de idealizações e não considerando essa “de maneira compartimentada e enquanto sinônimo de ecossistema regido por leis exclusivamente naturais”.

Conforme Bertrand (2007, p.84) apud Souza (2010, p. 133):

O meio ambiente é, antes de tudo, um imenso questionamento, global e confuso, quase metafísico, que a sociedade faz a si mesma e, mais precisamente, ao conjunto da comunidade científica. O meio ambiente é, em resumo, o que sobra quando as diferentes ciências não esqueceram nada em seus respectivos domínios, ou seja, todas as interconexões, e mais precisamente aquelas que fazem interagir os fatos naturais e os fatos sociais. Enfim, trata-se menos de uma ciência do que de uma consciência, coletiva e multiforme, à qual cada disciplina é obrigada a responder sob pena de desqualificação.

Não obstante, analisar o ambiente, o meio ambiente, as questões relacionadas diretamente à natureza e à sociedade, não é uma tarefa fácil. Muitos autores divergem nas suas opiniões, estudiosos de longa data não chegam a um remate concreto, deixando muitas inquietações no ar. O que é muito positivo para que se tenham sempre novas pesquisas sobre esse assunto, bem como esse debate entre autores, instigando as novas ideias. Para tanto, entender e investigar esse conceito é um desafio, que expande a nossa percepção a respeito do tema. O ambiente está ligado diretamente à sociedade, e vice e versa. Qualquer alteração e interferência que for feita na natureza, acarretará em algum resultado (bom ou ruim).

No entanto, para se alcançar uma visão mais ampla do significado e da importância do meio ambiente para a sociedade e vice-versa, é preciso superar a disjunção do pensamento e valorizar abordagens que consideram que os impactos causados nas dinâmicas da natureza serão refletidos nas dinâmicas da vida das pessoas. (SOUZA, 2015, p.21)

Precisamente, fundamentado nesse pensamento e complementando essa ideia, Mendonça (2002, p. 134) apud Souza (2015, p. 21):

[...] um estudo elaborado em conformidade com a geografia socioambiental deve emanar de problemáticas em que situações conflituosas, decorrentes da interação entre sociedade e natureza, explicitem degradação de uma ou de ambas. A diversidade das problemáticas é que vai demandar um enfoque mais centrado na dimensão natural ou na dimensão social, atentando sempre para o fato de que a meta principal de tais estudos e ações é a busca de soluções do problema, e que este deverá ser abordado a partir da interação entre estas duas componentes da realidade.

Tanto se fala no ambiente interligado à sociedade, que nos dias atuais mais parece o ambiente contra a sociedade, diante da atual crise ambiental. Onde a natureza está se manifestando em diferentes formas, afetando diretamente a sociedade com imensas catástrofes. Em virtude das explorações dos recursos naturais. “Há um quadro de disjunção entre a sociedade e a natureza que desafia a ciência em busca de soluções aos problemas que emergem no contexto de maus usos dos recursos naturais” (SOUZA, 2015, p. 23).

Em suas reflexões sobre o meio ambiente, Gonçalves (2006) lembra que homem e natureza são partes de um mesmo processo de constituição de diferenças. Para Larrère & Larrère (1997), isto dispensa a necessidade de se escolher entre um e outro, sendo mais importante proteger a ambos e ligar a preservação da diversidade biológica à da diversidade cultural. Assim, considero importante pensar na crise ambiental situando o homem dentro da natureza como agente de transformações, mas que, também, por ela é transformado, sensível e – por mais que as imposições da nossa economia e cultura ainda insistam em negar isto – frágil diante das suas dinâmicas. (SOUZA, 2015, p. 26).

É muito importante dialogar a respeito das múltiplas reflexões sobre o termo Ambiente e as questões relacionadas a crise que o circunda e para firmar a proposta do nosso trabalho quanto a percepção, discorreremos sobre mais dois conceitos, paisagem e lugar, atribuído à transformação da natureza.

2.2 PAISAGEM

O conceito de Paisagem vem sendo aplicado na Geografia desde o século XIX, sendo visto como um agregado de formas que determinam um campo visual da superfície terrestre. No entanto, na década de 60, a paisagem começa a ser debatida como as outras esferas de observação e investigação do espaço geográfico. (OLIVEIRA, 2004, p. 49)

Para iniciar este debate, é oportuno deixar evidente que paisagem é um conceito diferente de ambiente, como pode ser especificado de acordo com Serrão:

Se as paisagens não são nem devem ser tomadas como quadros de uma exposição nem como cortinas que delimitam um palco, menos ainda, (...) como peças de museu (...) para se retemperar da saturação acumulada, também não devem ser imediatamente subsumidas na

noção de ambiente, quando este indica o complexo de meios físicos, químicos e biológicos, as condições mais amplas da vida sobre o planeta. O ambiente (...), com todas as suas componentes é global, ignora fronteiras, afecta igualmente todos os lugares. Uma paisagem, em contrapartida, é sempre local e irrepetível. (2013, p. 31).

Paisagem é singularmente essencial, a qual se dá a associação entre a natureza e a sociedade. Para tanto uma reflexão sobre este conceito se encaminha “a construção do/no imaginário coletivo da paisagem enquanto elemento de articulação do processo de pertencimento do ator social à um determinado lugar.” (VITTE, 2007, s/p.).

Diante dessas informações, é possível discorrer sobre o conceito de paisagem. Porém quando tentamos buscar uma definição desse conceito, nos deparamos com a amplitude do seu significado. Este termo “transita entre as fronteiras da materialidade e da imaterialidade”. (SOUZA, 2015, p. 29).

Para exemplificar esta questão, podemos pensar num suposto cenário em que diferentes atores sociais visualizam e interpretam os elementos de uma paisagem. Duas pessoas podem olhar a mesma paisagem e visualizar o percurso de um rio, mas cada pessoa terá uma percepção diferente. Uma pessoa pode enxergar um rio que simplesmente segue seu curso em direção a uma cachoeira, quando a outra pessoa pode enxergar que neste rio há uma problemática, que este rio está poluído, por uma questão de uma relação precária com a natureza. E, ainda, uma terceira pessoa pode enxergar o rio como um investimento, avaliar a sua probabilidade de se tornar um grande gerador de energia. Essas visões de uma mesma paisagem podem convergir ou destoar entre si.

Dessa maneira, Souza (2015, p. 29) nos remete a compreensão ideal para a análise dessa questão:

Imaginemos o cenário de uma floresta. Dentro dela há um rio que a compõe, uma clareira aberta e um pequeno povoado. Talvez, pelas proximidades, há algum tipo de empreendimento que, ao avançar no ritmo de sua atividade, diminui a área ocupada pela mata. Eu faço uma interpretação deste cenário tangível. Você faz outra. Nós estabelecemos diferentes visões a respeito de uma mesma situação. Visões que podem ser concordantes ou discordantes entre si. No final, as diferentes interpretações sucumbem à realidade deste jogo 30 de objetos e pessoas. As interpretações sucumbem porque tal realidade é dinâmica e pulsante. O potencial ecológico, a exploração biológica e a ação antrópica estão ali, configurados pelas conexões e fluxos de matéria e energia entre os elementos constituintes de cada conjunto. Independentemente da interpretação que se faz, a materialidade do quadro convida o olhar à sua habilidade mais objetiva.

A paisagem além de estar sendo modificada a todo instante, ainda se estabelece nas impressões das pessoas a respeito dela bem como em suas memórias sobre as mudanças que aconteceram, baseadas em alterações, transformações, impressões e sentimentos. Por se tratar de um conceito e de uma categoria da análise geográfica cuja compreensão se relaciona diretamente com o estudo da percepção, então, é fundamental trazer para este trabalho algumas perspectivas que valorizam a paisagem como uma conjunção de elementos naturais, sociais e diferentes formas de construção individual desta noção.

Para tanto, de acordo com Spirin, 1996 (apud Souza, 2009), a paisagem é constituída pelas marcas de sua história natural e social. A identidade única e inerente de uma paisagem é, portanto, resultado das interações entre as ações do homem e os processos naturais através do tempo. Nesse sentido, os elementos das paisagens são registros do que se passou em uma cultura em termos de sua relação com a natureza.

Concordando com Oliveira (2004, p.49) que cita Bertrand (1972, p.2):

A paisagem não é a simples adição de elementos geográficos disparatados. É uma determinada porção do espaço, o resultado da combinação dinâmica, portanto instável, de elementos físicos, biológicos e antrópicos que, reagindo dialeticamente uns sobre os outros, fazem da paisagem um conjunto único e indissociável, em perfeita evolução. (...)

Muitos estudos surgiram, em um âmbito mundial, com o intuito de alertar sobre as consequências negativas das ações humanas insensatas na paisagem, que geram diversos problemas, como alterações hídricas, redução e extinção da fauna e flora, entre outros. (SOUZA, 2009)

A paisagem vem sendo estudada há muitos anos, por muitos autores, ela tem seu conteúdo construído e desconstruído, suas conceituações associadas à perturbação ou à comoção diante dos olhos de quem a vê, de quem a percebe.

Os autores aqui citados observam e analisam a paisagem no seu todo, com a intensa relação da natureza com a sociedade, onde essas estão completamente fundidas, as quais seria impossível separar, entender de modo fragmentado, incompleto. E é seguindo a linha da integração que analisamos neste trabalho a ideia de paisagem, nesta associação entre os fatos sociais e os fatos naturais.

No Brasil, a maior contribuição aos estudos sobre as paisagens naturais foi de Ab'Saber, (AB'SABER, 1969) que promoveu uma renovação metodológica e instrumental nas pesquisas geomorfológicas desenvolvidas no território nacional. Recuperando o conceito de fisiologia da paisagem, Ab'Saber compreendeu a paisagem como sendo o resultado de uma relação entre os processos passados e os atuais. Assim, os processos passados foram os responsáveis pela compartimentação regional da superfície, enquanto que os processos atuais respondem pela dinâmica atual das paisagens. (VITTE, 2007, p. 75)

Certamente a definição de Ab'Sáber está relacionada às dinâmicas naturalistas da paisagem, contudo, a questão da presença, na paisagem, de diferentes temporalidades se torna interessante para a pesquisa em questão, no sentido de envolver a paisagem em uma intersecção do passado e do presente. De modo que esta relação se faz bem presente na análise da percepção dos moradores da cidade de Itá, no entendimento de como eram os seus lugares de vivência (passado) e como são ou estão agora (presente)

Para Vitte (2007):

Ao longo da história da geografia, considerou-se que a paisagem foi considerada (sic) como sendo o resultado da interrelação entre a esfera da natureza e da cultura, mediadas pelo trabalho. Esta mediação, ao longo da tradição geográfica, efetivou-se por meio da análise dos utensílios que as sociedades produziam para poderem reproduzir-se, o que acabou por empobrecer a análise geográfica.

Esta concepção de paisagem representa uma visão dualista da geografia, fundamentada na crença que existiriam duas lógicas: a da natureza e a da cultura, ao mesmo tempo em que assumiria uma concepção monadológica do espaço geográfico, como se o mesmo fosse criado por um demiurgo. Foi neste contexto que se desenvolveu a concepção de paisagem natural, cujo caldo de cultura estava fundamentado na filosofia kantiana, via Hettner, na qual foi privilegiada a observação e uma visão integradora das ciências naturais com tônica nas análises geoecológicas e processuais. (VITTE, 2007, p. 76)

A ideia de transformação da paisagem também diz respeito ao efeito rápido da ação do homem no espaço em que vive. Não importa o dia em que isso aconteça ou as circunstâncias, toda a prática que for exercida pela sociedade ficará marcada na paisagem. (VITTE, 2007).

Tanto o ambiente como a paisagem são conceitos que se estabelecem das relações entre sociedade e natureza, ambiente e paisagem não deveriam ser percebidos fora dessa relação. Segundo, Serrão (2013), o ambiente é um conceito muito amplo, que

desconhece os limites influenciando com tal característica todos os lugares, quanto a paisagem, em compensação, é mais limitada a um espaço específico que não se repete. O ambiente se totaliza nas influências que sofre e a paisagem se depara com os encadeamentos do passado e do presente.

2.3 LUGAR

O conceito de lugar possui um significado muito mais complexo, não podendo ser exemplificado somente em uma situação. O lugar ultrapassa barreiras e impacta a vida das pessoas, porque todas as pessoas, sem exceção, nasceram, cresceram, viveram ou vivem em um lugar. Estes lugares sempre são acarretados de interpretações, envolvimento, lembranças e memórias.

Segundo Lima (2009), o lugar envolve o espaço, que é englobado de experiências das pessoas que por ali passam, “é impregnado de histórias, de signos e símbolos,” (DARDEL, 1990 apud LIMA, 2009, p. 210). E quando este é apresentado, a primeira sensação que aparece são de imagens guardadas na memória.

O lugar transcende a materialidade, mas não está dissociado desta, pois aos objetos os homens atribuem significados que são construídos na vivência individual ou dos grupos. Assim, as marcas e as formas não se limitam unicamente à aparência física do objeto, visto que essa visibilidade ‘é meramente um veículo de significado em potencial. (MELLO, 2012, p.64-65).

Por causa dessas concepções a respeito de “Lugar”, que esse conceito está sendo abordado nesta pesquisa. Ele, além de ser um conceito amplo e relevante, está associado aos demais conceitos que aqui estão sendo trabalhados. Assim, conseguimos entender um pouco sobre a importância que a antiga cidade de Itá tem para os moradores mais idosos, que vivenciaram o desaparecimento desta. Estes, unicamente, eternizaram as suas memórias em um lugar que deixou de existir.

Os moradores de uma determinada cidade transfiguram o conceito nela estabelecido, a qual, como envolve sentimentos, lembranças, interesses, deixa de ser um espaço para ser um lugar, ou como afirma Tuan (1983) apud Ferreira (2000), o espaço se transforma em lugar à medida que vamos conhecendo-o melhor e conferindo-lhe valores.

As definições de Tuan (1979) citadas por Holzer (1999), se encaixam muito bem nas relações que são feitas com esse conceito e com a percepção das pessoas que além, de morarem em determinados lugares, criam laços afetivos, interpretam de diferentes maneiras as mudanças, percebem-no de diversas formas e também falam de modo variado sobre suas impressões: as paisagens do lugar, as relações sociais no lugar, a vida cotidiana, as relações econômicas – a produção, o comércio, o consumo...

Todos os lugares são pequenos mundos: o sentido do mundo, no entanto, pode ser encontrado explicitamente na arte mais do que na rede intangível das relações humanas. Lugares podem ser símbolos públicos ou campos de preocupação (fields of care), mas o poder dos símbolos para criar lugares depende, em última análise, das emoções humanas que vibram nos campos de preocupação. (TUAN, 1979 p,421 apud Holzer, p. 70, 1999)

Do mesmo modo, Holzer (1999, p.71), com base em Tuan (1979), ressalta que:

(...) o lugar se comporta como um nó funcional (...) que pode ser analisado a partir da experiência pessoal de cada um - a partir da orientação e estruturação do espaço, ou da experiência grupal (intersubjetiva) de espaço - como estruturação do espaço mítico-conceitual.

Os moradores criam conexões com os lugares em que moram, laços que muitas vezes, dependendo o tempo que ficaram neste lugar, ou da forma como tiveram que sair dele, deixam profundas marcas. Cada pessoa avalia ou entende seu lugar de uma determinada maneira, assim, apresentam o seu lugar com as suas particularidades. E cada um explica de uma forma diferente. Por isso, os lugares podem ter diferentes significados e para compreender sua complexidade é preciso buscar reunir diferentes explicações entre aqueles que constantemente significam e ressignificam seus espaços de vivência, ou seja, seus próprios moradores. Neste caso, Tuan (1983, apud Holzer, 1999) indica o espaço como uma concepção ampla e o lugar com uma característica específica, aonde acontece a vida.

Outro aspecto a ser destacado, o qual defende Tuan (1979 apud Holzer, 1999), é que lugar é diferente de paisagem ou cena, pois estes se modificam de acordo com cada perspectiva, já lugar tem sua existência estável, sendo que os lugares se tornam visíveis a partir da vivência coletiva ou individual. Tuan (1975 apud Holzer, 1999) entende que

lugar é um espaço estruturado, um complexo de ideias, que é construído com base nas experiências de mundo que cada sujeito tem.

Um lugar passa a ter sentido após determinado tempo que ali permanecemos, sendo que quanto mais tempo melhor, pois iremos construir ali um vínculo, conhecendo profundamente aquele espaço, de modo a se tornar significativo para nós. O autor enfatiza que tempo e lugar estão intrinsecamente ligados, ele entende que a organização espacial está atrelada à organização temporal, assim, tempo, lugar e espaço são categorias sobrepostas pela experiência humana. (TUAN, 2011, p.13).

Ao relacionar a proposta de Tuan (2011) com essa pesquisa sobre a percepção dos moradores de um determinado lugar, vamos procurar desenvolver essa ideia, a sobreposição do tempo e lugar, discutindo a questão das mudanças que ocorreram em Itá. As pessoas precisam de tempo para se identificar com o lugar em que vivem, bem como precisarão deste mesmo tempo se algum dia elas deixarem de morar neste lugar. Precisarão de tempo para esquecer e/ou para assimilar um novo lugar de vivência.

Carlos (2007), também discute a respeito da dimensão do tempo e do lugar, o qual poderia ser entendido por meio da causalidade entre o presente e o passado. Assim, identificamos o lugar em que vivemos lembrando-nos de como ele era no passado, fazendo associações com o presente.

Ainda, de acordo com Carlos (2007):

O lugar é produto das relações humanas, entre homem e natureza, tecido por relações sociais que se realizam no plano do vivido o que garante a construção de uma rede de significados e sentidos que são tecidos pela história e cultura civilizadora produzindo a identidade, posto que é aí que o homem se reconhece porque é o lugar da reprodução da vida. (2007, p. 22).

Define o lugar enquanto local do espaço que pode ser apropriado para a vida e sentido pelo corpo, devendo ser analisado pela tríade habitante-identidade-lugar. “A tríade cidadão-identidade-lugar aponta a necessidade de considerar o corpo, pois é através dele que o homem habita e se apropria do espaço (através dos modos de uso). (CARLOS, 2007, p. 18).

Pensando desta forma, o lugar para ser um lugar precisa das pessoas, precisa ter moradores. O lugar e seus moradores criam vínculos, que se evidenciam em afinidades (das pessoas entre si, das pessoas com as formas construídas ou com elementos da

natureza), pois as pessoas se identificam com os lugares pela compatibilidade que ali se tem ou se forma.

Os percursos realizados pelos habitantes ligam o lugar de domicílio aos lugares de lazer, de comunicação, mas o importante é que essas mediações espaciais são ordenadas segundo as propriedades do tempo vivido. Um mesmo trajeto convoca o privado e o público, o individual e o coletivo, o necessário e o gratuito. Enfim o ato de caminhar é intermediário e parece banal — é uma prática preciosa porque pouco ocultada pelas representações abstratas; ela deixa ver como a vida do habitante é petrificada de sensações muito imediatas e de ações interrompidas. São as relações que criam o sentido dos “lugares” da metrópole. Isto porque o lugar só pode ser compreendido em suas referências, que não são específicas de uma função ou de uma forma, mas produzidos por um conjunto de sentidos, impressos pelo uso. (CARLOS, 2007, p. 18).

O lugar apresenta-se como um estímulo para uma observação do mundo moderno requisitando uma grande energia e interesse para tentar se aproximar da sua multiplicidade de proporções e essências no seu processo histórico. (CARLOS, 2007). O lugar é um combinado de entendimentos que estão sempre em mutação. Pois cada lugar, reflete um momento, uma intenção de um encadeamento de desvalorização e revalorização, no qual as necessidades da sociedade tem uma função essencial.

Segundo Tuan (apud OLIVEIRA, 2012, p. 12) os lugares podem ser espaços visíveis através de inúmeros meios, como por exemplo conflitos, rivalidades com outros lugares e/ou manifestações arquitetônicas e de arte, ou seja, todo lugar tem sua identidade representada através de diferentes manifestações.

Neste momento, procuramos a relação entre toda a discussão conceitual com o nosso objeto de estudo que é a cidade de Itá, aquela que existiu e aquela que existe agora.

Suertegaray (2005), baseada nas ideias de Milton Santos (1997), salienta que o lugar pode ser entendido como um espaço de vivências, relacionando todos os seus atributos, não importando se baseado nas técnicas, nas ações no tempo ou nos objetos.

Milton Santos, apud SUERTEGARAY (2005) se refere ao lugar dizendo:

“no lugar nosso próximo se superpõe, dialeticamente ao eixo das sucessões, que transmite os tempos externos das escalas superiores e o eixo dos tempos internos, que é o eixo das coexistências, onde tudo se funde, enlaçando, definitivamente, as noções e as realidades de espaço e tempo”. (p. 54)

O lugar que estamos estudando, o lugar chamado cidade de Itá que, ao longo desses anos, sofreu muitas transformações, a maior delas, foi o reposicionamento da cidade, a qual teve todo seu antigo espaço submerso pelas águas do Rio Uruguai, em virtude de um empreendimento de grande porte. Considerando que a afetividade e os laços de identidade e pertencimento são inerentes à própria significação de um lugar, então pressupomos que a instalação da hidrelétrica pode ter ocasionado profundas marcas nos habitantes da cidade que não tiveram como abordar as suas preferências, ou estas foram debatidas, mas não foram escutadas. Sob esse ponto de vista que vamos dialogar sobre a percepção ambiental.

Ainda, para concluir essa parte dos conceitos da Geografia que estão sendo trabalhados nesta pesquisa, torna-se interessante a afirmação da Suertegaray (2005):

(...) o espaço geográfico é uno e múltiplo, podendo ser constituída sua análise através de diferentes filtros (os conceitos). Considero-os operacionais na medida em que eles permitem a construção de caminhos analíticos. Isto porque cada um deles enfatiza uma dimensão da complexidade organizacional do espaço geográfico: o econômico/cultural (na paisagem), o político-administrativo/cultural (na região) o político estratégico (no território), a existência objetiva e subjetiva (no lugar) e a transfiguração da natureza no (ambiente), as conexões, os fluxos (em rede). Não obstante, nenhum deles prescinde das determinações expressas em uns e em outros. [...] nos articula pelas conexões derivadas da fronteira tênue entre cada um desses conceitos. As conexões que permeiam os conceitos que aqui denominamos operacionais, aproxima as nossas práticas geográficas, muito mais que nos dividem. (p. 58).

Com certeza, somente associando esses conceitos que poderíamos compreender um pouco sobre a história desta cidade e a importância dessa para os moradores. A importância de pertencer a um lugar, de compreender sobre o ambiente e observar a paisagem.

2.4 PERCEPÇÃO AMBIENTAL

Tratar de percepção ambiental pressupõem, primeiro, que perceber alguma ‘coisa’, seria o mesmo que verificar, constatar, reparar, observar, entender essa ‘coisa’ e, segundo, a relação desta observação, verificação, reparação com o ambiente. Este, por sua vez, conforme já foi debatido anteriormente, é um conceito que remete à relação da sociedade com a natureza. Então, nesta parte vamos refletir sobre o que é ou o que vem

a ser o ambiente visto pelos olhos das pessoas individualmente (ou coletivamente, dependendo do caso).

"... a percepção é sempre percepção da coisa total, compreendida num campo mais amplo, o qual por sua vez, é abrangido em um horizonte de significados mais distantes. O conjunto desse complicado sistema de sempre mutáveis significados 'próximos' e 'longínquos' ligados aos sempre mutáveis momentos de atualidade e potencialidade da percepção, eis o que se chama 'mundo' na fenomenologia." (LUIJPEN, 1973, p. 106 apud HOLZER, 1997, p. 80).

As pessoas percebem e entendem o espaço em que vivem de diversas formas, isso dependerá do sentimento que cada indivíduo desprenderá sob o lugar em que vive, isso também pode se estabelecer do tempo em que a pessoa vive no lugar e das sensações que teve com esse.

Para analisar a questão das transformações motivadas pela instalação da UHE, principalmente no que diz respeito ao cotidiano dos moradores da cidade de Itá, será valorizada uma abordagem voltada para a percepção ambiental, sobretudo no que diz respeito às transformações ocorridas na paisagem urbana. Vale lembrar que Percepção Ambiental é o estudo da associação entre o indivíduo e o espaço em que ele se estabelece. (FERNANDES, p.54, 2009).

O nosso foco de estudo neste trabalho é a realocação da população urbana na cidade de Itá, assim, refletindo e buscando entender os processos associados com a percepção ambiental de alguns moradores com relação a este fato.

Para tanto, as pessoas que foram entrevistadas, mesmo que morando na área urbana da cidade, mantinham ligação direta com a terra, relação a qual deixou de existir, a partir do momento em que tiveram que se mudar.

Assim, para entender quão era importante essa relação das pessoas com a terra, parte-se da discussão de Serrão (2013, p. 21):

As relações possibilitadas pelo trabalho agrário criam vínculos fortes, ao mesmo tempo de proximidade e de dependência, e produzem por sua vez significados que envolvem o plano imediato e horizontal do território. A paisagem, subjectiva e colectiva, "cobre" o solo, objetivo e físico, como repositório de sentido. Esfera de significações, uma paisagem formar-se-ia de sucessivos cruzamentos e interdependências entre as características concretas dos espaços físicos e a camada simbólica sobre eles depositada, o mesmo é dizer, entre os sujeitos (habitantes) e o mundo envolvente. É por isso que estes espaços

diversificados mutáveis nunca podem ser confundidos com o espaço extenso, homogêneo e mensurável das ciências físicas. É por isso que se pode defender que a paisagem é uma criação cultural.

Os moradores de um determinado lugar, acostumados com a sua vida neste local, um tipo de trabalho, a relação com a vizinhança, uma cultura específica, uma paisagem constituída e estabelecida diante de muitos significados. Quando se muda alguma coisa do lugar, perde-se a essência deste e a relação das pessoas que ali estavam não permanece mais a mesma.

De tal modo, “o verdadeiro elemento de ligação com a paisagem não seria primeiramente nem a acção nem a percepção, mas a *integração* permitida pelo corpo (...)” (SERRÃO, 2013, p. 22). Sendo essa integração, este elemento principal, é possível desenvolver uma perspectiva para defender a ideia de que aprender a percepção/acção é uma estratégia importante para analisar a integração do indivíduo com a paisagem.

Conforme Oliveira (2009):

Percepção ambiental, não é de fácil definição; mais vale experienciá-la do que defini-la. [...] A resposta dada à percepção ambiental, também, será variada: cultural, econômica, artística, geográfica, histórica, ecológica, afetiva. O que sabemos é que cada profissional atribuirá significados diferentes à percepção ambiental que pesquisará ou empregará em sua investigação, quer científica, ou empírica. Porém, todos aplicarão métodos qualitativos, muito mais que quantitativos.

O que importa em se tratando de percepção ambiental é que todos se preocupam com os impactos ambientais que ocorrem no meio ambiente natural ou construído. Neste século, que se está iniciando, a noção de impacto ambiental se ampliou consideravelmente. [...]

Quanto se trata de percepção ambiental, trata-se, no fundo, de visão de mundo, de visão do meio ambiente físico, natural e humanizado, na maioria é sociocultural e parcialmente é individual; é experienciada em grupo ou particularizada; é uma atitude, uma posição, um valor, uma avaliação que se faz do nosso ambiente. (OLIVEIRA, 2009, p. 155).

Tal acepção se faz necessária tanto para as pessoas entenderem o que aconteceu e o que está acontecendo na paisagem, no lugar, no meio ambiente, como para poder analisar e diferenciar as mudanças ocorridas na paisagem e identificar as consequências destas para com a natureza e a sociedade.

Para entender um pouco melhor a questão da Percepção, segue abaixo o quadro do caminho da percepção:

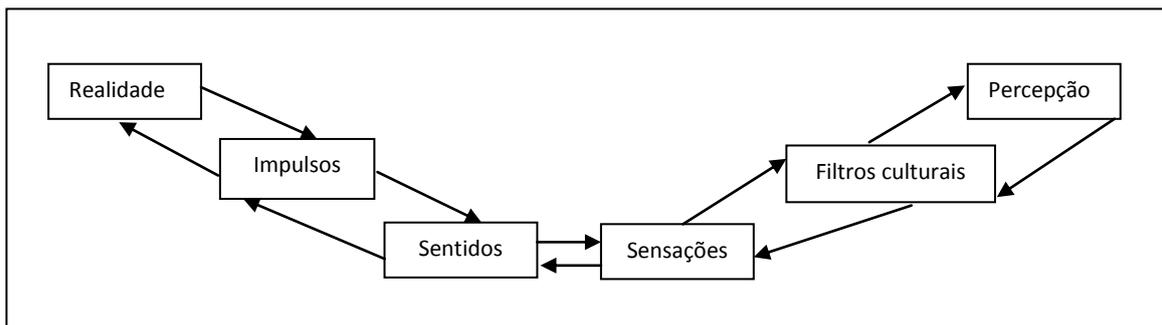


Figura 5 - O caminho da percepção, conforme a proposta de Livia de Oliveira e adaptado por SOUZA, 2010.

O método para se chegar à percepção se inicia-se através da **realidade** em que estamos inseridos, “que comporta as possibilidades de ocorrência” de diversos fenômenos e processos, observando a realidade ao nosso redor, possuímos (e ao mesmo tempo nos chegam) **impulsos** em relação a aquisição de novidades e novas informações. Esses impulsos são constatados por nossos **sentidos** (audição, tato, olfato, visão e paladar), que captam o que está sendo transmitido, agindo concomitantemente. Fornecendo-nos **sensações** (impressão do que sentimos), que podem ser boas ou ruins. Essas sensações passam por nossos **filtros culturais e individuais** que estão localizados em mentes, sendo um processo de interpretação, seleção e organização das informações. Após essa atividade cognitiva é produzida a **percepção**. “Convém lembrar que o que penetra pelos sentidos são os estímulos sensoriais. As sensações, necessariamente passam pelos **filtros culturais e individuais** para se tornarem percepções. A **percepção** só se dá no córtex cerebral, em um determinado momento correspondente à sensação”. (OLIVEIRA, 2009).

E, para se analisar, ou seja, criar uma imagem/memória sobre a realidade definida, deve-se levar em consideração o distanciamento espaço-temporal, entre quem está observando e o que é observado. Para definir esse distanciamento será utilizada uma chave de interpretação baseada em três processos chamados de perceptivo-representacionais: retroativo, sincrônico e prospectivo. (SOUZA, 2015).

Segundo, Souza (2015), referimo-nos a processo perceptivo representacional **retroativo** quando um acontecimento vem à tona através da lembrança, porque já não existe mais, está no passado, sendo algo que o observador precise lembrar, ativando a sua memória. **Sincrônico**, quando não há um distanciamento espaço-temporal entre acontecimento e percepção do acontecimento, pois o que está sendo observado está no

presente, é a vivência, o aqui e agora. E, **prospectivo**, quando há a percepção atual dos fatos, fazendo uma ligação entre o presente e futuro, o observador percebe a paisagem, fazendo uma especulação de como poderia ser no futuro.

Toda essa ideia será desenvolvida no capítulo 3, em que será feita uma análise da percepção ambiental dos moradores da cidade de Itá, os moradores que vivenciaram todo o processo de realocação.

CAPÍTULO 3 - ITÁ E AS PERCEPÇÕES DA CIDADE

“A gente brincava e tudo, não tinha televisão, não tinha nada, depois quando chegou a TV, começou a acabar tudo. A gente não se visita mais, visita quando sabe que não tá bom”. (Sra. Amália – 86 anos)

“Ah! Que a gente gostava né de ficar lá na cidade velha. Tinha os vizinhos e a gente fazia farrá! Meu Deus! A noite a gente cantava e a gente levava um monte de cana na beira da estrada, ia chupar cana de noite, a gente cantava e era bom que nossa, né? Eu gostava. Depois a gente se acostumou aqui também. Mas, é uma lembrança muito bonita de lá também, né?”. (Sra. Maria – 75 anos)

Neste capítulo pretende-se entender e avaliar quais as percepções identificadas pelos moradores da cidade nova de Itá. As percepções com relação às transformações ocorridas na paisagem da cidade de Itá e a relação (sentimento, afeição, apego, identidade, ou não) do morador com o seu lugar no passado e nos dias atuais. Todos esses aspectos relacionados com as impressões dos moradores da cidade quanto à instalação da Usina, a situação e a importância dos recursos ambientais e os impactos visíveis na paisagem do município.

Viana (2003) explica um pouco sobre as sensações que as pessoas que moravam na velha Itá estavam vivenciando no momento da implantação da Usina. Sentimento esse que não conseguia ser explicado e nem medido, simplesmente arrebatou as pessoas que não conseguiam compreender o real significado da instalação da UHE naquele espaço.

Se por um lado a barragem simboliza o progresso e a modernidade, por outro e para outros ela representa, como diz a música de Chico Buarque, uma verdadeira Roda Viva, um moinho/redemoinho que chega remexendo e revirando com a água, a vida e o destino das pessoas. A notícia é tão surpreendente que num primeiro momento não se consegue nem acreditar na sua veracidade. (VIANA, 2003, p. 127).

Itá, como já foi referenciada neste trabalho, a cidade que teve a sua população urbana totalmente realocada por conta de um empreendimento hidrelétrico. Empreendimento este que, conforme ocorria o enchimento do lago, alterava a dinâmica espacial, a qual contempla nos dias atuais uma nova forma de uso do solo. Além da dinâmica espacial, a paisagem sofreu enormes transformações em virtude dos cortes, desmatamentos e aterros sucedidos no decurso da obra (SOUZA, 2009).

Além de toda a perda que a cidade e a população tiveram no quesito ambiental, evidenciam-se as que fomentaram a ruptura de muitas relações sociais e as modificações do arranjo territorial. “O enchimento de um afluente ou de um córrego, muitas vezes interpôs o lago entre duas partes de uma mesma comunidade, que ficaram incomunicáveis”. (NÓR, 2001, p. 44).

Todo esse processo de alteração já incorpora o novo como seu motor, de modo que esta fragmentação, paradoxalmente, somada às mudanças econômicas e culturais que acompanharam a implantação da usina, contribui para a aceitação da nova paisagem como sinal de modernidade e, portanto, ontologicamente positiva. (NÓR, 2001, p.44).

Esse argumento sobre modernidade foi percebido durante os trabalhos de campo realizados em Itá, através da fala dos moradores da cidade, das visitas à Casa da Cultura e à Casa da Memória, sendo essas, símbolos da cidade velha (como já foi mencionado no capítulo 1), pois nestas casas, juntamente com o CDA (Centro de Divulgação Ambiental), estão as memórias da antiga Itá. O resto da cidade foi todo planejado, tudo novo, a Igreja, a Prefeitura e outros prédios públicos foram construídos com uma moderna arquitetura. E isso foi considerado um avanço para a cidade, segundo seus moradores:

“Foi bom, porque a gente **ganhou tudo**, eles reformaram tudo, ficou tudo bem colocado. E a gente tem que deixar o avanço chegar né? Não ir contra”. (Luiza D. – 74 anos).

“Pra cidade foi positiva né. **Ganhamos a cidade** nova, casa boa...” (Nelson S. – 66 anos).

“A gente está acostumado com aquela Igreja lá, mas essa é bonita, moderna.” (Maria F. – 75 anos).



Fotografia 11 – Prefeitura Municipal da nova cidade de Itá-SC. Foto para poder representar como é a Prefeitura da cidade nova, sua construção mais moderna, segundo os relatos dos entrevistados, se comparada com a Prefeitura da cidade velha (foto a seguir). Fonte: Prefeitura Municipal de Itá.



Fotografia 12 – Foto da Prefeitura Municipal de Itá-SC, dezembro de 1985 – na velha cidade. Fonte: Acervo Casa da Cultura de Itá.

Com a realocação da cidade e a nova constituição desta, como citado nas entrevistas, os moradores não tiveram a mesma vizinhança de antes, perdendo muitos contatos diretos, muitas rodas de chimarrão e se desfazendo de grandes laços de

amizade. Como cita um dos entrevistados, Egídio P. (73 anos), essa alteração na vizinhança se apresentou por que o plano de mudança para a escolha dos terrenos foi baseado em um ponto central da cidade, fazendo um caracol do centro para a parte periférica desta. Assim, por exemplo, um morador escolhia seu terreno e quando chegava na hora de seu vizinho escolher, muitos terrenos já tinham sido escolhidos ou preferiam outras partes da cidade. Sendo perdido o vínculo dos vizinhos de antes.

“Porque lá a nossa cidade era meia pequeninha e todo mundo junto, daí nos domingos você passava sempre no clube, e conhecia quase todo mundo. Hoje, então, nós temos uma parte aqui, outra parte lá! Ficou os amigos, os vizinhos tudo separado. (...) os vizinhos se perderam tudo, tudo muito longe. Os vizinhos agora moram a cada dois mil metros longe”. (Dalci M.- 83 anos).

Este sentimento de perda com relação aos vizinhos ficou evidenciado em algumas entrevistas, onde os moradores afirmaram que sentiram muito a mudança da cidade, por ter mudado também os seus vizinhos, por não ter aquele vizinho/amigo próximo. Como a forma urbana mudou e os vizinhos de antes ficaram mais afastados o contato nunca mais foi o mesmo.

Como afirma Maria M. (74 anos): “Vizinho nosso de lá mesmo, ninguém ficou perto. O que a gente tinha lá estão aqui no Itá, mas não aqui vizinho, né?”.

“Eu gostava (fechou os olhos), porque eu tinha tudo vizinho bom, nós convivia lá na cidade velha e aqui em cima ficamos tudo espalhado. A gente se encontra ainda, mas não de porta que nem era uma vez, é diferente. Eu gostava mais por causa dos vizinhos, aqui também é bom. (...) a gente era acostumado com os vizinhos lá de baixo mas os daqui também são bom. E fiquemos tudo longe”. (Maria F.).

Ainda, para o entrevistado Dalci M. (83 anos) a maneira como foi determinada a escolha dos terrenos não foi muito satisfatória neste quesito da vizinhança, porque cada família escolhia o seu terreno de forma aleatória e não se separavam dos vizinhos. Como ele mesmo ressalta: “como nós morava mais fora um pouco escolhemos mais pelo fim né. Então se perderam os vizinhos, se perdemos de vista”.

A expressão dessas sensações/lembranças dialoga com a proposta central desta pesquisa, que é a análise da percepção e da interpretação das transformações paisagísticas em Itá na perspectiva dos moradores da cidade. Na medida em que boa parte dos nossos entrevistados apontaram certo desconforto com o fato de os amigos e

os momentos de sociabilidade terem ficado no passado da cidade antiga, eles expressam um indício para o entendimento de um sentimento de paisagem-lugar³ que foi profundamente alterado. Isto não significa que, nos dias de hoje, não existam mais os laços de amizade e convivência. Mas, é importante lembrar que, ao que tudo indica, eles foram bastante modificados.

Uma das abordagens em voga na ciência geográfica diz respeito à percepção do indivíduo sobre seu espaço de vida. A análise dos diferentes modos de captação *da* e reação *à* paisagem pelas pessoas em sua vida cotidiana também é um importante elemento para aprofundar o conhecimento sobre as dinâmicas socioambientais em um dado território. (SOUZA, 2010, p. 132).

Recentemente, sobretudo com a emergência e intensidade da problemática ambiental, a Geografia vem se preocupando cada vez mais com a construção de um conhecimento mais profundo sobre a relação da sociedade com a natureza, entre os homens e seu (s) meio (s) ambiente (s), considerando-se que o homem é promotor de profundas transformações da natureza pela via do sistema econômico, político e cultural em que se organiza. (SOUZA, 2010, p. 133).

Assim, baseado no esquema de Souza (2010), estruturamos uma representação para situar a importância da entrevista com os moradores da cidade em relação a sua percepção sobre as transformações ocorridas em seus espaços de vida e suas paisagens.

A opção pela entrevista está ligada com o fato de que esse procedimento permite adentrar no discurso do entrevistado a fim de buscar referências que dão pistas sobre uma possível forma de entender as transformações da paisagem.

Cada INDIVÍDUO possui uma interpretação do que consegue observar - DIFERENTES OLHARES – ele pode olhar alguma coisa sob diversos aspectos e através desse olhar ele pode se posicionar e empregar alguns sentimentos como: JUÍZOS DE VALOR, IDENTIDADE, ANSEIOS, PROJETOS E MEMÓRIA, é com esses elementos que ele conseguirá identificar o TERRITÓRIO/PAISAGEM. E, por meio dessa identificação será possível analisar as DINÂMICAS SOCIOAMBIENTAIS. (ver figura 6).

³ Unimos estes conceitos através do hífen porque consideramos que são muito próximos ou, pelo menos, a definição deles é muito semelhante, principalmente no contexto desta pesquisa. O lugar e a paisagem pressupõem afetividades, sentimentos, relação de pertencimento, enfim, todo um referencial voltado para o indivíduo. Teresa Salgueiro (2001), citando Rosendhal e Corrêa (2001), lembra de que a paisagem adquire estatuto de lugar na sua mediação com a arte. Para este trabalho também consideramos que a paisagem adquire estatuto de lugar conforme ocorrem as relações de afetividade e pertencimento, além das memórias das pessoas.

Os indivíduos projetam sentimentos diversificados sobre o território e sua paisagem, estes olhares se entrecruzam a partir de:

- juízos de valor: as pessoas expressam as características positivas ou negativas, boas ou ruins a respeito dos lugares em que vivem;
- identidade: sentimento de pertencimento (ou não) a um determinado lugar;
- anseios: as pessoas esperam ou buscam transformações; temem (ou querem) certos acontecimentos;
- projetos: dos individualistas aos de bem comum – entre a busca individual e cotidiana pela sobrevivência em um determinado lugar até a organização coletiva para facilitar os meios de sobrevivência neste mesmo lugar (por exemplo: uma associação de moradores, uma cooperativa agrícola etc.);
- memória: as lembranças de acontecimentos passados; fatos que marcaram/ moldaram um determinado modo de ver o e agir no mundo. (SOUZA, 2010, p. 138/139).

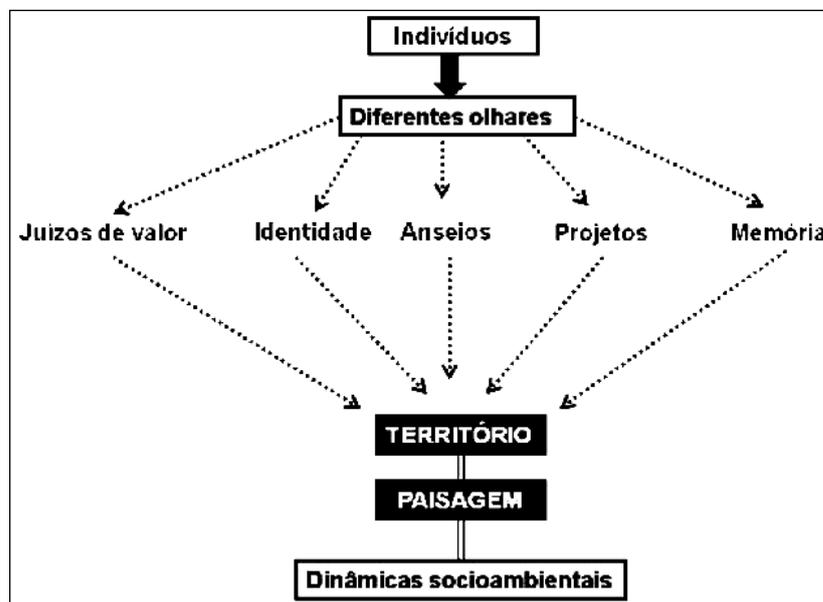


Figura 6 - Convergência de diferentes olhares sobre o território e a paisagem. Fonte: SOUZA, 2010.

3.1. O PERFIL DOS ENTREVISTADOS E AS ENTREVISTAS

Foram realizados quatro trabalhos de campo na cidade de Itá, o primeiro no dia 16 de novembro de 2015, para conhecer melhor a cidade, coletar informações e fotografias a respeito desta e da Usina. Os demais foram realizados nos dias 10, 15 e 24 de março de 2016, para a realização das entrevistas, as quais se desenvolveram da seguinte maneira:

- Na primeira visita à cidade de Itá, visitamos o CDA, a Casa da Memória, Casa da Cultura, a UHE Itá, as Torres da Igreja que estão submersas, a Prefeitura e a

Secretaria de Habitação e Assistência Social. Isto para conhecer a cidade, levantar algumas informações importantes que constam neste trabalho, bem como fotografias e ainda para organizar como seriam realizadas as entrevistas.

As entrevistas foram agendadas previamente com a Secretaria de Assistência Social, para confirmar o dia em que se teriam os encontros do Grupo de Idosos.

- No primeiro dia de entrevistas (10/03), foram realizadas 5 (quatro mulheres e um homem). Uma das entrevistas foi realizada na Casa da Cultura, em uma visita para a busca de materiais; esta entrevistada, Marisa O. (43 anos) trabalha neste local, sendo uma exceção com relação à idade dos entrevistados tencionada inicialmente e também ao lugar das entrevistas que foram previamente organizadas. Porém estava apta para responder as nossas perguntas e por sua experiência profissional, consideramos que seria de grande valia entrevistá-la.

Posteriormente, nos encaminhamos até o Centro de Convivência - Grupo de Idosos da cidade. O qual nos foi indicado pela Sra. Carin F., juntamente com a cooperação da Secretaria Municipal de Habitação e Assistência Social. Fomos muito bem recebidos, mas, neste momento, percebeu-se certa resistência ao conversar com eles, por não saberem ainda ao certo do que se tratava, não queriam dar muitos depoimentos, ficaram receosos. Além disso, eles se reúnem a cada 15 dias no Centro de Convivência, onde encontram os amigos para diversas atividades e não queriam desperdiçar o tempo ali com as entrevistas.

Como eles estavam envolvidos nas atividades ali propostas pelos Coordenadores do Grupo e resistentes para a realização das entrevistas, foi agendado um novo encontro com alguns idosos.

- No segundo encontro, foram realizadas 5 entrevistas (três homens e duas mulheres), essas entrevistas foram agendadas pelo telefone, o qual foi obtido no primeiro encontro. E, foram realizadas nas casas dos entrevistados, o que foi muito mais proveitoso, pois eles tinham bastante tempo para conversar e contar com detalhes sobre as suas vidas na cidade de Itá.

- No último e terceiro encontro (previamente agendado), foram realizadas 4 entrevistas (1 homem e 3 mulheres). Este encontro foi no Centro de Convivência, totalizando, assim, 14 entrevistas realizadas.

As idades dos entrevistados do Grupo de idosos variam de 62 a 86 anos, sendo oito mulheres e cinco homens. Com a exceção da Marisa O., que tem 43 anos, a qual entrevistamos pelos motivos já apresentados anteriormente. Cinco das mulheres foram

entrevistadas sozinhas e um homem sozinho, o restante deles foram entrevistados em casais, totalizando quatro casais.



Fotografia 13 - Momento de realização de entrevista junto com a Sra. Serenita S. Esse momento é de grande relevância em uma pesquisa que trata da percepção dos moradores da cidade de Itá com relação aos impactos motivados pela UHE. Na entrevista é que nós podemos observar de perto as reações do entrevistado às perguntas que são feitas, o modo como eles se expressam, as mudanças de postura corporal, enfim, uma série de elementos que nos permite entender cada vez mais a fundo suas memórias e suas paisagens íntimas. Fonte da foto: Luís Aurélio de Campos, 2016. Trabalho de campo.



Fotografia 14 - Solicitação de entrevista com os idosos que frequentam o Centro de Convivência da cidade de Itá. A chegada no Centro de Convivência foi possibilitada pelo nosso contato prévio com a Secretaria de Assistência Social do município. A experiência de contato com as pessoas nesse local nos permitiu pensar em algumas hipóteses sobre os atuais laços de sociabilidade na nova cidade. Muito frequentemente, nossos entrevistados falavam da convivência com os vizinhos e familiares que moravam mais próximos de suas casas. Com o

novo traçado urbano, isso foi modificado. O Centro de Convivência é um espaço que possibilita reaproximações, mas, nada como aquela proximidade que existia na velha cidade. Fonte da foto: Luís Aurélio de Campos, 2016. Trabalho de campo.

Não houve resistência à realocação da cidade por parte da população urbana e considera-se que isso aconteceu em virtude de uma suposta aproximação que o governo municipal tinha com a população. Como o governo municipal aceitou a ideia da instalação da UHE e da realocação da cidade, logo conseguiu aconselhar a população a aceitar e enxergar essa ideia como sendo o melhor caminho para o futuro do município. Como os entrevistados mesmo apontaram: esse empreendimento foi um avanço para a cidade, pois sem este, esta poderia até hoje não ter asfalto, nem os outros investimentos que “ganhou”, conforme apontou o entrevistado Sr. Egidio P.

“Mas, em relação ao asfalto, talvez hoje nós teríamos, talvez! Por que a maioria dos municípios tem asfalto, mas nós ganhamos bem antes por causa da Usina, foi feito pela própria Eletrosul. Nós ganhamos o asfalto antes mesmo de inaugurar a cidade, antes de completar a cidade, no começo da estrutura da cidade”. (Egidio P.)

A entrevistada Sra. Amália C. (86 anos) também apresenta um discurso semelhante ao dizer “Tá tudo melhor aqui. Lá não tinha asfalto...” ou “Eu acho que o melhor tá aqui”. Ainda para esta mesma entrevistada as mudanças ocorridas com a implantação da UHE foram positivas e ela exemplifica citando o fato de que ganhou a casa nova, o fato de que essa mesma casa já estava pronta (sem a necessidade, portanto, de realizar obras), cita a verba que recebeu como indenização e, para finalizar, a não cobrança pelo serviço da mudança.

O casal Dalci M. e Maria M. quando questionados sobre algum elemento que deveria ser fotografado em função de algum possível desaparecimento no futuro, eles deram a entender que não havia necessidade de uma fotografia porque “Por enquanto, tá bom assim. A gente tá feliz, né? Com o asfalto, com tudo”.

O senhor Nelson S. também ressaltou a importância do asfalto: “Aqui é uma cidade bem mais arborizada e tem asfalto em todas as ruas, né?” Da mesma maneira que a senhora Cristina P. afirmou que tem uma diferença grande entre as duas cidades, que na antiga só tinha calçamento e estrada de chão (era feia), “não tinha asfalto lá”.



Fotografia 15 - Rua do Centro de Convivência. O asfaltamento de Itá é um dos elementos que estão nos discursos de alguns entrevistados para justificar a sua preferência pela vida na cidade nova. Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.

Para a entrevistada Marisa O., quando questionada sobre as possíveis vantagens da instalação da UHE, a mesma responde que:

“Primeira é a geração de empregos. Que hoje nós temos uma rede, que só em função do turismo já gera empregos, a rede hoteleira né? Essa movimentação que a gente tem, passeios de barco, com guia turístico, enfim tudo isso. Uma coisa que lá na antiga a gente jamais ia ter, se não tivesse a formação do lago nós não tínhamos geração de empregos, era uma cidade pacata, sem indústrias né...”

A estratégia de convencimento utilizada pelo Poder Público Municipal com os moradores da cidade e sua influência para a tomada de algumas decisões se afirma na fala de Fogaça:

Os discursos dos representantes políticos locais eleitos com o voto de confiança desse povo eram muito representativos para que tomassem a decisão de aceitar o que estava acontecendo. Exatamente essa estratégia foi articulada pelos representantes técnicos dos empreendedores, ou seja, negociar com esses representantes e alguns moradores, convencendo-os de que eles seriam os representantes mais próximos do povo de Itá, pois também eram moradores e também seriam atingidos. Isso os credibilizava em suas falas e não haveria a necessidade de os técnicos se exporem tanto. Apenas as explicações mais específicas ficavam sob a responsabilidade dos técnicos e, no caso de qualquer embate maior, a mediação era feita pelos representantes da população de Itá, junto à comissão de realocação e negociação (FOGAÇA, 2004, p. 53).

A seguir será apresentada a análise destas entrevistas e suas relações com a discussão acerca dos conceitos de ambiente, paisagem, lugar, percepção ambiental e as transformações que ocorreram na cidade.

3.2 RELAÇÕES DO MORADOR COM A CIDADE ATUAL

Todos os entrevistados foram questionados se sempre moraram na cidade de Itá, e esta pergunta se desdobrou em outra, instigando quais os motivos que fizeram permanecer na cidade até os dias atuais, e em unanimidade responderam por que é uma ótima cidade para se viver, tranquila e acolhedora. Sendo que dez dos entrevistados tiveram a oportunidade de morar em outro lugar, mas não aceitaram.

Como por exemplo, a Marisa O., que teve a oportunidade de mudar para outra cidade mas não aceitou, como esclarece na sua fala:

“Na verdade assim, pra começo é uma cidade muito tranquila pra se viver. A gente cria os filhos sem estresse, eu digo sem estresse comparado as cidades grandes, essa cidade é acolhedora, pacata. E assim, nesse lado a gente não pode reclamar. Nós temos uma qualidade de vida muito boa. Esse é um dos motivos e também por causa que minha família toda sempre viveu aqui. Eu tenho mais quatro irmãos e todos eles vivem aqui, então assim, por esse motivo eu estou aqui. Tive oportunidades, mas não fui”.

A entrevistada Cristina P. (71 anos), também nos relatou que gosta muito da cidade e que não pretende se mudar. “(...) nós ficamos sempre aqui, eu não quero sair daqui. A minha última cidade vai ser pra lá, é o cemitério”. Da mesma maneira que a Rosalina M. (72 anos), se familiarizou com Itá e não tem interesse em outra cidade, como pode ser percebido através da sua entrevista: “Depois que vim pra cá sempre morei aqui. Eu acostumei aqui, nem pra voltar pra Erechim eu não tinha vontade”.

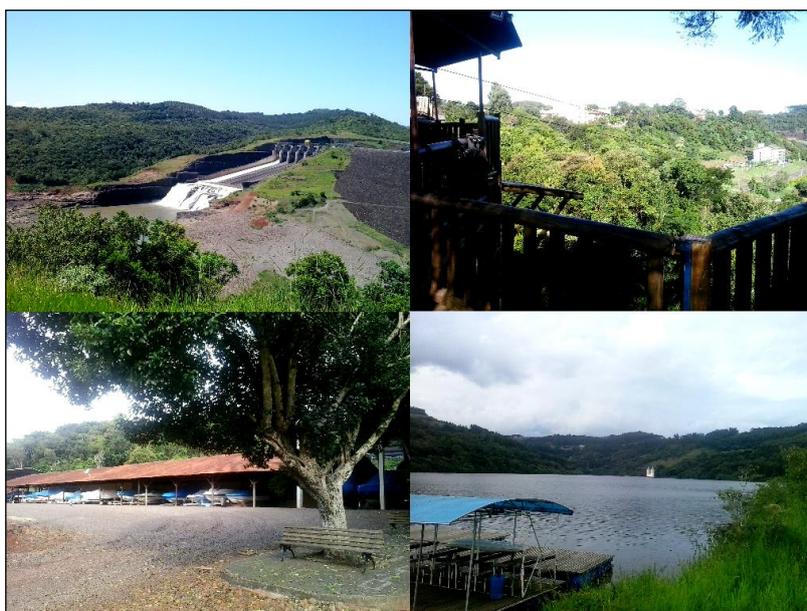
Quando lhes perguntado se havia diferença entre a nova e a velha cidade, as respostas foram muito abrangentes, como para o Senhor Dalci M.: “Era uma vida, vou dizer assim, quase melhor que aqui né?” Mas a ideia principal das respostas foi sobre a infraestrutura e o padrão de vida da nova cidade que são muito melhor.

Como pode ser observado no depoimento de Marisa O.: “a gente não tinha uma rede de esgoto, a gente não tinha água tratada, não tínhamos asfalto”. (...) “esses são diferenciais pra nós em qualidade de vida que a gente conta. É importante.” Ainda ela ressalta que a principal vantagem da cidade nova é a geração de empregos:

“Essa movimentação que a gente tem, passeios de barco, com guia turístico, enfim tudo isso. Uma coisa que lá na antiga a gente jamais ia ter, se não tivesse a formação do lago nós não tínhamos geração de empregos, era uma cidade pacata, sem indústrias, né? Então, assim isso vai trazendo, né?” (Marisa O.).



Fotografia 16 - Essa foto é para ilustrar a fala da moradora Marisa O. que citou o crescimento da cidade nova, uma cidade turística, o que fica evidente com o Balneário que recebe visitantes de diversas cidades da região. Além do Balneário, a cidade tem outras atrações, como a tirolesa, arvorismo, zoológico, passeio de barco, visita à UHE, entre outros, como são citados no site da Prefeitura Municipal de Itá-SC. Fonte: Prefeitura Municipal de Itá.



Quadro Fotográfico 1 - Atrações turísticas que podem ser observadas no quadro fotográfico ajudaram a modificar a paisagem da cidade, que está cada vez mais inserida no campo turístico. Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.

Darci S. (64 anos) e Maria S. (62 anos) também consideram a cidade nova melhor de se viver, uma cidade maior e mais moderna, com mais possibilidades de trabalhos e ocupações. Eles exaltaram as moradias da nova cidade: “nós ganhamos uma casa totalmente de alvenaria, né? Se mostrar a nossa casa aqui agora você vai ver que está 100% a mais do que nós tinha lá, nem comparar”.



Quadro Fotográfico 2 – Cidade nova de Itá, ruas, canteiros, praças, casas, comércio. Algumas fotos da cidade para mostrar como ela está nos dias atuais. Como Darci S. cita em seu depoimento que essa cidade não se compara em nada com a outra, que está muito melhor. Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.

Ainda, Maria S. nos descreveu o seu o ponto de vista sobre a atual Itá: “Aqui a cidade então está em um lugar mais alto, foi mais arborizada, a cidade foi toda planejada”. Para ressaltar a preferência deles pela cidade nova, pois, esta, como eles mesmo citam, foi reconstruída, inteiramente uma cidade nova que eles ‘ganharam’.

Já para Amália C. algumas lembranças se confundem, ela fala do presente como se fosse o passado, e do passado como se fosse o presente. Ela sente muita falta da cidade velha, e na entrevista relatou muitas lembranças dessa, boas e ruins (como a morte do seu marido). Ela fala da sua casa na cidade nova com orgulho, pois trouxe bastante das árvores frutíferas da cidade velha e cultivou.

E quando lhe perguntado se a mudança para a cidade nova foi positiva: “Foi positiva, porque nós ganhamos tudo, né? Ganhamos a casa, estava prontinha, a mudança, ainda ganhamo um troco para a gente continuar ali né. A mudança não cobraram nada. Foi bem bom mesmo viu.” (Amália C.).

Mostrando aqui uma visão talvez um pouco equivocada que ganharam tudo na cidade nova, eles acreditam que ganharam tudo na nova e não que perderam tudo na velha. Mas, ao que parece esses são alguns discursos prontos que eles afirmam há anos para, quem sabe, se convencerem dos acontecimentos. Porque quando as perguntas são mais diretas sobre a cidade nova, eles reagem do mesmo jeito, vangloriando tudo que a cidade nova lhes proporciona. No entanto, durante a entrevista e quando questionados sobre a vida na cidade velha eles começam a lembrar de fatos, de como eram as suas vidas, se emocionar, recordar particularidades das suas vivências.

O entrevistado Egídio P. foi o mais ponderado na sua fala de todos os entrevistados, ele elogiou muito a construção da UHE, a cidade nova, falou sobre a cidade velha, mas, se mostrou menos emotivo, e mesmo assim, lembrando-se da cidade velha, teve um envolvimento no seu discurso:

“Olha a gente, como enquanto ser humano, que tem sentimento, sente! Principalmente quando foi anunciado o anuncio da cidade nova. Já era sendo anunciado, mas a gente não imaginava que ia acontecer mesmo, que ia inundar”.

Dona Cristina P., também em seu depoimento ficou nítido a sua preferência pela cidade nova, pois como ela mesmo informou, lá na cidade velha eles trabalhavam muito. E, agora, na cidade nova eles são aposentados, tem mais tempo para cuidar da casa, para ir no grupo de idosos, sem muita preocupação como antigamente. Entretanto, em suas lembranças, ela manifesta afeição para com a antiga cidade:

“(...) depois que eu vim pra cá, no começo eu chorava, quando vim morar aqui eu não gostada daqui, agora me acostumei (...) Mas daí tem as torres lá embaixo pra lembrar, mas dá uma tristeza... nós vamos lá de vez em quando (...)”

Já a Dona Luiza D. se emocionou em seu depoimento, demonstrando sentir muita falta da cidade velha:

“Era muito boa a vida lá, eu gostava, a gente vivia bem (...) Gostava! Ah se gostava... Porque era bom. Muitas lembranças... Meu Deus do céu a gente sentiu muito, porque lá a gente tinha perdido dois filhos que já tinha sido enterrado, daí tinha a família dele também, a gente sentiu muito né. E lá também tinha a oficina né... que ficou tudo embaixo d'água. Aqui também a gente ganhou a oficina, mas ficou longe pra ele trabalhar, lá era bem mais perto. Daí ele começou a ficar doente [...]” (Luiza D.)

Apesar de em média 40% dos moradores mostrarem preferência pela cidade nova, por ser mais bonita ou moderna, todos os entrevistados têm guardado na memória as lembranças da cidade velha, todos eles, em algum momento da entrevista pararam para pensar em como era a sua vida na cidade velha e sentiram falta de algumas ou muitas coisas. Sendo de uma árvore, da sua casa, do canteiro, da Igreja, do trabalho, do campo de futebol, da escola ou dos vizinhos.

Sendo assim, no próximo item abordaremos mais intensamente essa relação de identidade/lugar, de pertencimento ao lugar em que moraram durante tanto tempo e tiveram que se retirar, ficando somente as lembranças.

3.3 RELAÇÕES DO MORADOR COM A VELHA ITÁ, A PARTIR DAS SUAS MEMÓRIAS

Quando perguntado se gostavam de morar na velha Itá todos os entrevistados responderam que sim, que têm lembranças boas, poucas ou muitas, eles iam se lembrando durante as entrevistas. Mas, três entrevistados preferiam, com certeza, a cidade nova. Estes gostavam da velha, mas, segundo eles, não muito, preferindo essa nova cidade. E, fazendo uma análise mais aprofundada dessas pessoas que não gostavam, duas delas eram mulheres e trabalhavam muito naquela época, uma faxineira e a outra na roça. Assim, as lembranças mais presentes que possuem daquela época era de um período de trabalho mais pesado. O outro morador trabalhava juntamente com o poder público da época, e vê a construção da cidade nova como um ótimo avanço, pois certamente se a cidade não tivesse recebido esse empreendimento, não teria se expandido dessa maneira, nem teria tantas atrações turísticas.

3.3.1 As lembranças da velha cidade

Nas entrevistas, sempre vinham à tona lembranças da pracinha, da quadra de esportes, da prainha de antigamente, da escola (atualmente a Marina Porto Itá), da Igreja - pois muitos dos entrevistados casaram na Igreja e batizaram seus filhos -, do campo de futebol (como a Dona Amália C. que é uma adoradora de jogos de futebol, lembra que naquela época era um dos poucos divertimentos que eles tinham, os jogos de futebol enchiam a cidade, vinham pessoal do interior também assistir... “Mas era bom, meu

Deus, era nos domingos, no dia de semana era os treinos que eles tinham, era muito bom” (Amália C.), das suas moradias e plantações, como na memória da Amália C.: “eu tenho a lembrança em casa, nós tinha um pé de jabuticaba no canto da lavoura assim, tava cheio de jabuticaba”.

Quanto às lembranças da velha Itá, ainda foi citado o canteiro que era cheio de rosas, e hoje não se tem mais rosas na cidade. Segundo Darci S.:

“o que falta na nossa cidade, o que eu sinto falta da nossa cidade é das roseiras. No meio do canteiro lá da nossa cidadezinha era cheio de rosas. Eles não querem plantar, porque não combina com a cidade agora. Lá embaixo foi chamada a cidade das rosas. Dava na radio de Concórdia mesmo, a cidade das rosas é o que o Itá era”.

Esse sentimento de relação com o lugar em que viviam, no início das entrevistas, parece que é um sentimento esquecido ou que não teve muita importância, porém, conforme se realizava as perguntas, os entrevistados iam se lembrando, alguns fechavam os olhos ou enchiam esses de lágrimas... Uma das entrevistadas (Marisa O.) iniciou a entrevista dizendo que não morava bem na cidade, e que não precisou ser realocada, o que deu a entender, no início, que não pertencia a esta. Mas, no decorrer da entrevista ela relatou: “que na verdade, ou assim, a gente diz mil metros da cidade, mas era praticamente dentro da cidade, né?” Conforme as lembranças vinham em sua memória ela estava totalmente envolvida no processo de mudança que a cidade sofreu, e as suas lembranças estão ainda muito vivas.

Lembrando da cidade velha, alguns relatam, como Marisa O., que lá não tinha muitos espaços diferentes para se visitar ou muitas atrações, como por exemplo ela fala de uma quadra de esportes que se tinha lá: “(...) era uma quadra aberta sem coberta sem nada, mas era o único lugar que a gente ia para reunir todo mundo, né?” Antigamente eles se reuniam quase todos os finais de tarde e finais de semana nestes lugares que, na época, não eram tão sofisticados, mas era um ponto de encontro, de conversas, de diversão... o que hoje em dia não o fazem mais com tanta frequência.

A senhora Amália C., foi a entrevistada mais velha que conversamos, ela se emocionou muito na entrevista, pois no dia de escolher o terreno da nova cidade de Itá, seu marido faleceu.

(...) “eu fui lá e tirei o copo dele e chamei, nada, tirei a mão e ela [a filha] trouxe um travesseiro, deitei ele no chão e segurei a língua dele porque chamava e ele não falava. Aí foi a coisa mais triste do mundo,

gente. Ali a minha menina era mais velha, ela foi no telefone e ligou pro Dr. Stumpf, o Dr veio, ele disse ai vamos experimentar mas fiz de tudo, mas.... foi rápido, pressão alta, naquele dia ele foi pegar os baldes né e fez mal né, talvez era hora também”. (Amália C.)

Essa foi uma das entrevistas mais emocionantes, em todas as perguntas a Dona Amália C. se emocionou e sempre lembrava de um acontecimento da sua vida na antiga cidade. Quando perguntado se ela gostava de morar na velha Itá: “Aqui é bom, mas lá eu gostava, gostava mais que aqui”. (Amália C.) Falou de como gostava de morar lá, falou sobre seus vizinhos antigos, que antigamente se visitavam e hoje em dia não mais.



Fotografia 17 – Antiga cidade de Itá, ano de 1987. Que ficou totalmente submersa pelas águas do rio Uruguai. Cidade a qual os entrevistados relatam nas entrevistas. Igreja (atual ponto turístico de Itá – Torres) na parte inferior do lado esquerdo da foto, identificada. Fonte: Acervo Casa da Cultura de Itá.

“Quando era depois do meio dia a vizinhança se reuniam né, naquela época. Mas hoje nem mais vizinhos, a gente não se encontra quase (...) acabou. Antigamente a gente sentava, tomava chimarrão, era bom”. (Amália C.)

Quando lhe perguntado o que tinha de bom na cidade velha, ela respondeu que não tinha nada, soltou muitas risadas. Mas, como uma simples frase que parece não ter muita importância, consegue se enternecer de sentimentos. Pois apesar da cidade velha “não ter nada”, ou ter menos que a cidade nova, era daquela cidade que ela mais gostava, que ela se sentia melhor, pois era a cidade dela, era o lugar que ela cresceu,

viveu, enterrou seu marido... ela conta que não estava muito feliz de ir morar na cidade nova, pois não era acostumada com “cidade grande”, já seu marido estava feliz, ele achava que ia ser bom a UHE ir para Itá, pois iria ter mais empregos na cidade. Ele gostava da ideia, porém, não pode ver a concretização desta.

Se, para a senhora Amália C. não tinha nada na velha Itá, para a senhora Luiza D. tinha muita coisa: “Tinha bastante coisa lá, bastante natureza, bastante pastagem... eu tinha bastante coisa lá, e agora eu tenho ali algumas coisas ainda.. mas lá tinha fruta que não acabava mais... não tinha veneno.” (Luiza D.). A senhora Maria F. também ressaltou sobre a importância de antigamente não ter veneno nas plantações: “A Natureza era melhor. Os colono não trabalhava com veneno que nem é agora.”

A entrevistada Rosalina M. lembrou com carinho das amizades que ela tinha:

(...) “só que tinha muita amizade, porque como que eu vou te dizer, o pessoal do interior com o pessoal da cidade não era muito diferente também, era muito bom da gente se comunicar, visitar, conversar, fazer amizade, ir nas festas, em tudo...”

Outro lugar bastante lembrado nas entrevistas era o campo de futebol, este era uma das atrações na cidade velha, a maioria dos entrevistados ou jogaram no time de Itá, ou iam para assistir. Era um dos poucos divertimentos dos finais de semana, que a cidade estava quase toda lá assistindo. De tão importante eram esses jogos, que saiu o jogo de despedida da cidade antiga, como ressalta Egídio P.:

“Olha a gente lembra de muita coisa, o time de futebol, que a gente jogava, aliás saiu uma partida de futebol quando estava um tanto de água assim. Quando estava inundando a cidade. Durou uma semana até que deu pra jogar futebol.” (Egídio P.)

Bem como recorda Maria F.: “Tinha banco, campo de futebol, bastante jogo, é tinha! Era perto da nossa casa o campo de futebol, eu assistia, mas não vou mais, ele vai porque tem os piás que jogam.”



Fotografia 18 – Time de futebol da cidade de Itá, 1985. Fonte: Acervo casa da Cultura de Itá.

Ela também se lembra do hospital de antigamente: “(...) do hospital, a gente se lembra que era diferente daqui, era de madeira. O hospital que era diferente, tenho saudade também do hospital. (Maria F.) como ela mesma diz, era perto da casa dela, e isso era bom, ela se preocupa agora, pois eles estão ficando mais velhos, mais propícios a ficarem doentes, e agora o hospital é longe da casa deles. Mesmo que o hospital de antigamente era menor e de madeira, isso não importava, porque ele era perto da sua casa.



Fotografia 19 – Hospital da cidade velha, 1985. Fonte: Acervo casa da Cultura de Itá.

3.3.2 Enchimento do lago

O período de enchimento do lago é visto de uma forma muito interessante na perspectiva de uma das entrevistadas. Ela relata que as pessoas não tiveram acompanhamento psicológico na época, nem antes, nem durante e nem depois da instalação da UHE, sendo que este evento foi um impacto muito forte para todos os moradores.

“não a gente não teve nada disso! Não! Eles chegaram e simplesmente definindo que aqui iria ser construída uma hidrelétrica, e essa cidade ia desaparecer, ia ter que se mudar. Era assim bem taxativo. Não tinha muito...era aquilo e deu.” (Marisa O.)

Sobre o enchimento do lago, o entrevistado Egídio P. nos comenta como foi o comunicado: “O prefeito da época convocou o presidente da Eletrosul e marcou uma reunião para a comunidade e anunciaram que nós iríamos ser inundados. E daí foi aquele alvoroço, ah foi uma choradeira, bom e a gente sentia porque todo mundo se conhecia.”



Fotografia 20 – Processo de demolição da cidade antiga de Itá, restando a parte da frente da Igreja, que posteriormente (na próxima foto) foi rodeada de pedras e concreto para fazer a sua base e inicia-se o processo de enchimento do lago. Fonte: Acervo casa da Cultura de Itá, 1999.



Fotografia 21 – Essa foto representa o enchimento do lago, em 1999. A cidade velha de Itá já tinha sido derrubada, somente permanecida intacta as Torres da Igreja, a qual foi construída uma estrutura de pedras e concreto abaixo e posteriormente iniciou o processo de enchimento do lago. Nesta foto estão os moradores da cidade, que desciam até as Torres da Igreja para se despedir da cidade. Fonte: Acervo casa da Cultura de Itá.

Nas entrevistas, eles falavam que ficaram sabendo sobre a implantação de uma possível UHE, uns 30 anos antes de realmente começar a construção, mas, mesmo assim, todos ficaram com aquela informação na cabeça:

(...) “já fiquei preocupada, pensava não pode, achava impossível. E a gente não acreditava, como que a água vai vir aqui em cima?! (...) Sim... demorou, mas a gente ficava com aquilo na cabeça... um dia vão vir, será que vão vir?! Acho que não...” (Luiza D.)

Para Marisa O. essa parte foi a mais triste de todo o processo da construção da UHE na cidade de Itá, era neste momento que a cidade estava desaparecendo debaixo das águas do Rio Uruguai, que as pessoas estavam tendo a certeza que não existiria mais a velha cidade de Itá, segundo esta entrevistada:

“porque ai você tinha certeza que a cidade estava... que nunca mais ia ver (...) conforme as famílias iam saindo, a cidade ia se tornando um deserto né, uma cidade fantasma. Assim, por não ter mais, mas por mais que a gente soubesse que já tava vindo, que não tinha mais as casas, mas era a nossa cidade. E aí quando começou o alagamento, eu lembro, a gente ia lá no alto da propriedade da minha mãe que hoje ela tem uma visão linda lá das Torres, e você olhava a água subindo, você dizia: ‘bah aonde morava o fulano de tal a água já chegou’, dai 5 dias

depois, ‘ah aonde morava a minha colega, lá a água já chegou’. Então essas partes, que daí você via que dia por dia a cidade estava sumindo, e aí desapareceu. Essa foi a parte... e muita gente chorava, sabe, era aquela, a gente diz uma procissão de pessoas indo lá pro alto do morro pra ver a água subir com o passar dos dias”.

Senhora Maria F. quando perguntada qual era a sensação/sentimento da população quando ficaram sabendo da implantação da UHE: “Ficaram tudo triste”. O Senhor Nelson F. (81 anos) também respondeu:

“Triste, triste, porque o seguinte, fizeram a barragem em cima, né? O muro e dali embaixo a água ficou pouquinho, não baixou nada, né? E falta água, né? Daí encheu a parte da barragem, né? E embaixo ficou quase seco... Aí o pessoal olhava lá e dizia, que o rio Uruguai agora tava triste”.

A questão de pertencer a um lugar está explícita na fala destes entrevistados, a sua cidade virou um lugar sem ninguém. E as pessoas acompanharam dia-a-dia a água subir e a cidade desaparecer, a lembrança de um período curto, uma paisagem em mutação, que para esta entrevistada está relacionada com o desaparecimento gradativo dos referenciais do cotidiano dela: a casa das pessoas conhecidas (familiares e amigos). Outra entrevistada, Luiza D. também sentiu este desaparecimento gradativo da cidade, ela cita que iam lá todos os dias para ver como estava o lugar, “Meu Deus... a gente viu quando chegou no cemitério, quando chegou nas casas... tudo a gente via”.

“Foi triste porque realmente a gente tava se despedindo” (Marisa O.). Os moradores da velha Itá, tiveram que se despedir do lugar em que nasceram, cresceram, casaram... uma vida vivida neste lugar, uma paisagem sendo deixada para trás, mas de uma forma irreversível. É possível imaginar a perda de uma paisagem que fez parte de sua vida toda de um modo irreversível? Eles não estavam simplesmente mudando para outro lugar, e que um dia talvez, poderiam voltar e visitar este lugar. Não era uma viagem curta, era uma viagem sem volta, eles estavam se mudando definitivamente e nunca mais iriam poder visitar este local, a antiga Itá iria desaparecer.

Essa entrevistada (Marisa O.) era a mais jovem de todos, sendo uma exceção da ideia inicial de realizar as entrevistas com moradores acima de 60 anos. Ela foi entrevistada devido a nossa pesquisa de campo na casa da Memória e da Cultura (já citados). Mas, sendo ela a entrevistada mais nova e nos passou em sua entrevista tanto sentimento guardado pela velha cidade, sentimento de perda nítido nas suas palavras, ao contar sobre o clima de despedida que a cidade passou naquela época.

[...] “de despedida e tristeza. Por mais que sabia que aqui a cidade estava formada, que era uma cidade muito bonita, planejada, mas este lado, até hoje... ontem até o pessoal me disse que eu falo com sentimento, mas é que eu tenho esse sentimento, e eu que sou nova, então você imagina conversando com uma pessoa de 80 anos. Ela tem esse sentimento de perda e vai ser sempre... você pode passar mais 2, 3 anos... vocês vão lá e conversa com a pessoa ela vai te dizer a mesma coisa, ela vai te dizer a mesma coisa desse lado. Isso não tem preço. Por mais que a gente fala uma cidade muito bonita, planejada, mas esse lado sentimental...” (Marisa O.).

De acordo com Cisotto (2013, p. 94), ela faz referência a obra *Topofilia* de Yi-fu Tuan (2012), destacando os aspectos abstratos que existem nas relações do homem com o meio ambiente, da concepção emocional e de entendimentos que este tem com o espaço. “Trata do ambiente físico no imaginário social, a relação entre paisagem, memória e cultura; a experiência individual e visão de mundo construindo identificações que são compartilhadas num território comum”. (Cisotto, 2013, p. 94).

Ainda, Cisotto (2013), abordando Tuan (2012) explica como as pessoas fazem com que o espaço se reverta em um lugar, do modo em que elas diferenciam a sua percepção sobre o ambiente, de maneira histórica, temporal, individual e cultural, para analisar o espaço que se apropriam. Neste, elas constroem as suas relações, aplicam seus sentimentos e estipulam valores diferentes.

Cada entrevistado tem um sentimento em relação à cidade velha, em relação à realocação e à sua vida na cidade nova. Eles pensam de maneiras diferentes, porém tão semelhantes. As lembranças são distintas, mas todos têm lembranças.

Podia ser somente uma `cidadezinha` pequena, sem muitos afazeres, uma cidade sem graça que nunca teria um Balneário, ou a maior tirolesa da América Latina. Ela não tinha nada, mas ao mesmo tempo ela tinha tudo. Ela era a vida dessas pessoas que moravam ali, elas gostavam da cidade, se divertiam na cidade. Não pensavam em se mudar, até aparecer por ali a UHE.

Segundo Luiza D. a cidade velha tinha tudo o que se precisava, eles estavam satisfeitos com a vida lá, não precisavam de muita coisa para se viver, o básico eles tinham. E assim, eles viviam.

“É aqui que tem mais espaço e lá não tinha muito espaço, era pequeno, era aquele coxinho lá e já tava tudo lotado. Mas lá tinha tudo, lá tinha açougue, tinha fabrica, oficina, tinha posto, tinha tudo essas coisas, tinha loja, diversas lojas... tinha banco, igreja, tudo tinha

lá, mas era tudo assim pequeno. E aqui não, aqui é maior, como as diversas comunidades”. (Luiza D.)

Nelson F. também gostava da cidade velha, e não se importava com o seu tamanho, ou com o tamanho do comércio: “Lá era uma cidadezinha pequena, tinha tudo mercado, posto de gasolina. Era tudo junto, era bonita a cidade, a Igreja, aqui é tudo meio espalhado.” Além dele falar bem da cidade velha, ele ainda critica a cidade nova, por ser maior e ter o comércio mais espalhado. Como lá era um lugar pequeno, era mais fácil de se localizar e mais perto para buscar alguma coisa que tivesse faltando em casa. Já na nova Itá, o lugar ficou maior, necessitando de locomoção por automóveis para ir a determinados locais.

Cristina P. nos contou sobre tudo o que tinha na sua casa, na antiga Itá, contou que também não lhe faltava nada, ela criava vacas, porcos e galinhas:

“Mas que nem assim, naquela época a gente não podia trazer nada, que nem nós tinha galinha, porco, daí não pudemos trazer nada. Daí a gente tinha que vender, pra outros que não moravam... imagina que eu senti falta, eu tinha vaca de leite, galinha, a gente nunca comprava carne, ovo, a gente sempre tinha as coisas. E aqui em cima vendemos a vaca de leite, as galinhas matemos tudo”. (...)

Do mesmo jeito que Maria M. deixa explícito seu sentimento pela sua cidade, o lugar em que ela morava: “Mas não faltava nada lá, era Igreja, era clube, tinha comércio, mercado, tinha de tudo, a gente não passou fome. Era pequeno, mas eu gostava né. A gente sempre viveu lá...”

3.3.3 Fotografia da cidade velha para apresentar para alguém

Nesta pergunta, se eles tinham uma fotografia para apresentar para alguém que não conhecia a cidade de Itá, a maioria disse que iria mostrar uma foto da cidade velha, outros disseram que mostrariam duas fotos, da cidade velha e da cidade nova. Mas, fotografia mesmo, nenhum dos entrevistados nos mostrou, como eles foram entrevistados no Centro de Convivência, eles não tinham as fotos junto. Mas, mesmo quando solicitado se eles teriam como trazer uma foto no próximo encontro, eles falavam que não tinham mais, que na época quase não tiravam ou que as fotos se perderam. Mas que poderiam ser encontradas na Casa da Memória e/ou no CDA.

Já as respostas sobre as fotografias, ou imagens que lhes vinham na cabeça eram variadas:

“Das torres, que é o nosso símbolo” (...) “como eu recebo muitos visitantes aqui, eles chegam e me dizem assim, sabe porque que eu vim pra cá? Porque eu vi lá numa imagem aonde tem as Torres no meio do lago, e isso então marca muito, um cartão postal. E sem contar que Igreja em cidade pequena, como a nossa, ela é uma parte muito importante, é uma peça muito importante.” (Marisa O.)

A Dona Maria F. também citou as Torres: “As Torres, a principal é as Torres. A maioria tudo prefere vê lá as torres”.

Dona Serenita S. (80 anos) mostraria uma foto da Igreja antiga, a qual ela achava muito bonita, e falando da Igreja, já se lembrou da sua vida e do comércio da antiga cidade: “Da igreja, mais da igreja, eu adorava tudo aquilo, também as outras coisas que tinha, era tudo legal, comércio tinha pouco, naquela época tinha só um, depois apareceu outro, era muito bom”. (Serenita S.)



Fotografia 22 - Símbolo da cidade velha, as Torres da antiga Igreja, antiga Igreja muito lembrada ainda. Essa que os moradores quiseram preservar e, por isso, deixaram intactas as suas Torres, que recebem muitas visitas, inclusive pelos próprios moradores que revelaram ir até as Torres nos dias de hoje. Como recorda Darci S. “Seguido a gente vai e leva os netos também”.
Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.



Fotografia 23 – Igreja antiga da cidade de Itá, em 1985, da qual restaram as Torres como a lembrança da existência de uma cidade naquele lugar. Fonte: Acervo casa da Cultura de Itá.

Em muitas perguntas, os moradores iniciavam falando sobre o assunto que tinha sido pedido, mas, logo se lembravam de alguma outra passagem da sua vida, ou um lugar que gostavam na velha cidade, e iam falando, contando e relembrando.

Quando foi pedido para a Senhora Amália C. qual fotografia ela apresentaria a um parente ou amigo distante, ela disse: “A maioria quase conhece” (risos). O que significa que não precisaria tirar uma foto e mandar para alguém pois a maioria das pessoas conhece a cidade de Itá. Talvez por ser uma cidade que teve a sua história modificada por um grande empreendimento, essa notícia deve ter se espalhado na época, e por esta senhora fazer parte desta história, na concepção dela, é claro que as pessoas conhecem Itá. Ela tem um sentimento exaltado pela cidade, que na sua visão é quase que impossível alguém não conhecer o lugar em que ela mora.

E, ainda, quando lhe perguntado se haveria a necessidade de tirar uma fotografia de algum lugar na cidade que poderia desaparecer, sua resposta foi: “Mas não vai desaparecer!”. Em nossa interpretação, a entrevistada disse isso porque esse sentimento que ela tem com seu lugar, aquele que já desapareceu uma vez, é tão forte que acredita, também, que ele não pode desaparecer de novo.

Outros entrevistados ficaram um pouco receosos com esta pergunta também, pensando se talvez essa paisagem iria desaparecer, ou poderia desaparecer da mesma maneira que foi com a cidade velha. A moradora Luiza D. respondeu: “Eu acho que não, que não vão fazer isso, tirar de novo. Eu acho que não tem lugar nenhum”. Estava

parecendo um sentimento de preocupação, como se depois de tantos anos, será que a cidade que eles construíram poderia desaparecer? Já a dona Cristina P. afirmou com muita firmeza: “Não vai mais sumir nada não”. Igualmente, a senhora Rosalina M.: “Não acho que não, bem pouca coisa pode desaparecer daqui”.

Assim como o senhor Nelson F. também sustentou a sua fala:

“Olha por enquanto acho que não tem nada que irá desaparecer. Acho que aparece mais. Por que vamos dizer, a Igreja nunca vão tirar dali. O posto de saúde, por exemplo, podem fazer outro, mas ele não vai desaparecer”.

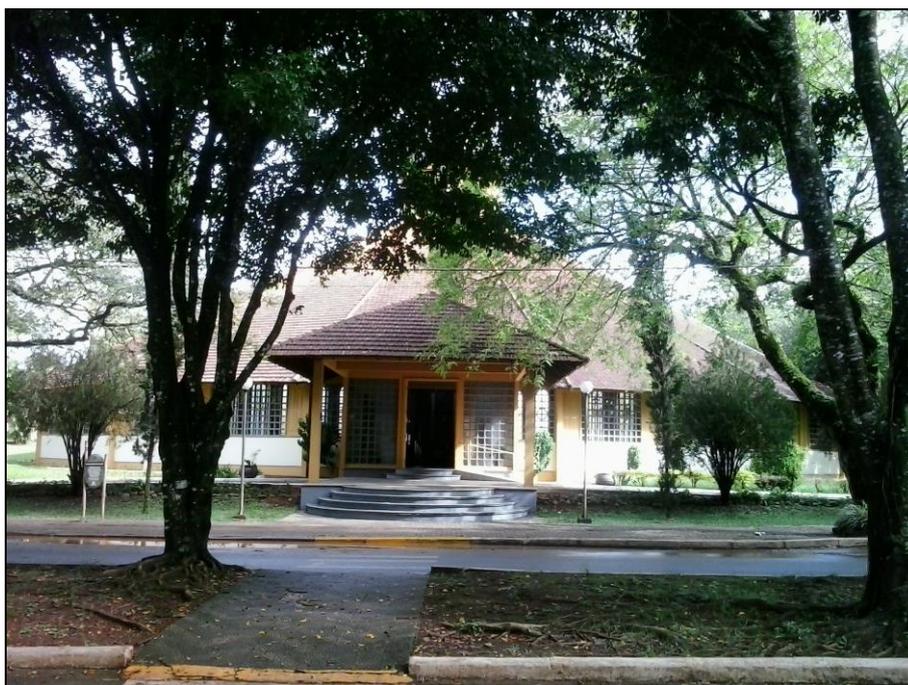
Precisamente, na pergunta sobre um lugar que deveria desaparecer, alguns dos moradores citaram problemas que se deparam na cidade, como a senhora Rosalina M., falando sobre as ruas serem estreitas:

(...) “nunca imaginaram, nem os engenheiros que ia crescer tão rapidamente assim, então, fizeram as ruas estreitas, se tem carro do lado de cá e do lado de lá, se encontram dois carros é meio difícil pra passar, é ou não é? Esse foi um erro meio grande e teve ainda outra sugestão é que devia ser mais bem tratada essas ruas, porque tem quadras aí que são muito pequenas e outras muito grandes”.



Fotografia 24 – Rua da Prefeitura, para exemplificar a fala da moradora Rosalina M. quanto às ruas da cidade serem estreitas, e poder passar somente um carro de cada vez. Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.

Outra mudança sugerida por um dos moradores entrevistados foi sobre o local que foi construída a Igreja da cidade. Ele elogiou a construção e sua modernidade, mas diz que ela está muito escondida e que talvez seja por isso que as pessoas de fora da cidade não a encontram e só visitam as Torres da antiga cidade. De acordo com Nelson P.: “A Igreja é bonita e tudo ali, gostei, só o local eu achei que podia ser num lugar diferente, um lugar mais alto. Ali ficou praticamente escondida. Só passando lá na frente pra ver”.



Fotografia 25 – Igreja da nova cidade de Itá, localizada no centro da cidade, mas em um local com muitas árvores, deixando-a escondida, aonde muitas pessoas passam na frente dela sem percebê-la. Fonte: Daiane Quadros, 2016. Trabalho de campo.

Quanto ao futuro da nova cidade de Itá, todos os entrevistados acreditam que a cidade tem um grande potencial e que vai crescer muito ainda. Na fala da Marisa O. ela diz que a cidade tem que crescer porque ela tem um filho adolescente e quer que ele continue na cidade. E os entrevistados mais velhos tem netos que estão crescendo e precisarão de uma instituição para iniciar uma faculdade, bem como de um local para trabalhar.

Contudo, ficou evidente nas respostas dos entrevistados que faltam oportunidades para os jovens da cidade, que no futuro desta, se continuar deste jeito, sem novas empresas, indústrias e faculdade, poderá vir a ser uma ‘cidade de velhos’.

“Falta oportunidades para os jovens. O que precisava aqui é mais indústrias de alguma coisa... Porque vai tudo pra fora. Aquela empresa de iogurte era pra ser aqui em Itá e não deu certo, Seara também era pra ser aqui e não deu, não sei por que não puderam vir. Tinha uma fábrica de cadeiras, queimou e não colocaram mais... tinha moinho de trigo, de arroz... e não tem mais, tudo saíram, tão indo tudo para outro lugar”. (Luiza D.)

Na fala de Nelson S.: “Eu acho que a cidade deu uma parada nos últimos anos, bem poucas oportunidades para os jovens. O pessoal daqui vai trabalhar fora.”. Da senhora Maria F.: “Ah não tem muita coisa pra eles não, tem que estudar fora”. E do Senhor Nelson F.: “Aqui é turismo. Só turismo. Porque outra coisa não tem”. O discurso é semelhante, que Itá se transformou em uma cidade turística, aonde não está havendo muito espaço e preocupação com outras modalidades de serviços, como mais indústrias. Obrigando os jovens a irem estudar e trabalhar em outras cidades.

Para finalizar esta reflexão acerca das entrevistas, salientamos o objetivo deste trabalho que seria analisar as transformações que ocorreram na cidade de Itá, em decorrência da construção da UHE, por meio da percepção dos moradores da cidade. Amparando a ideia de percepção das transformações na paisagem, lugar, meio ambiente e nas relações sociais destes entrevistados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Perceber a paisagem? Perceber o lugar?

Perceber: entender, compreender, descobrir, identificar conhecer, sentir... são inúmeros os significados de perceber. Considerando esses significados será que conseguimos entender ou compreender a paisagem e o lugar? Descobrir, identificar ou simplesmente conhecer? E, sentir a paisagem? Paramos para sequer observar a paisagem ao nosso redor? Ou conseguimos entender o lugar em que vivemos?

Os moradores da cidade de Itá, estes que vivenciaram a realocação da cidade há 23 anos, viram dia após dia as águas do rio Uruguai envolverem o lugar em que eles moraram, permaneceram e se relacionaram por tantos anos.

As entrevistas foram muito relevantes em relação às percepções dos entrevistados quanto às transformações ocorridas na paisagem da cidade. Em cada resposta havia um pensamento e um sentimento. Eles falavam sobre tudo e nada ao mesmo tempo, eles se emocionaram, eles se lembraram de detalhes até então escondidos. Detalhes pequenos ou grandes das suas vidas em uma cidade que desapareceu. Um lugar que não existe mais, por consequência de um empreendimento hidrelétrico, que deu a vez para outro lugar, produto da UHE Itá. Estas análises não se fundamentam somente na paisagem em si, mas sim nesta paisagem incorporada em um lugar. Este lugar não era simplesmente um lugar comum, de acordo com os entrevistados, era o lugar em que eles passaram as suas vidas, tiveram as suas vivências e experiências. Este lugar era integrado com a paisagem, conceitos fundidos em processo de envolvimento e compreensão da fusão entre a sociedade e natureza.

Desta forma:

Uma paisagem viva que se transformou/transforma no decorrer do tempo. Uma paisagem entre natureza e sociedade, (in) tensamente (re)desenhada ao ritmo da história movida pelos homens. Uma paisagem objetiva/visual, mas também subjetiva/emocional. (Souza, 2010, p. 156)

Esta paisagem foi totalmente modificada em um pequeno espaço, uma cidade pequena que deixou de existir naquele lugar para a passagem do curso de um rio, rio que devido a suas vastas capacidades, foi transformado em um gerador de energia, mudando seu curso, sua profundidade, suas características.

Para entender, em suma, o conceito de paisagem, de acordo com Serpa (2007, p. 15):

A paisagem resulta sempre de um processo de acumulação, mas é, ao mesmo tempo, continua no espaço e no tempo, é uma sem ser totalizante, é compósita, pois resulta sempre de uma mistura, um mosaico de tempos e objetos datados. A paisagem pressupõe também um conjunto de formas e funções em constante transformações, seus aspectos “visíveis”, mas, por outro lado, as formas e as funções indicam a estrutura espacial, que é, em princípio, “invisível” e resulta sempre do casamento da paisagem com a sociedade.

Esta paisagem que tanto vos falamos se modifica a todo instante, por processos da natureza, por processos da sociedade. Se transmuda em diversos aspectos, muda seu formato e a sua função. A sociedade se fundindo na natureza pra a realização de seus ideais. Como a construção de uma UHE para a geração de energia, consumida pela sociedade o “tempo da natureza é alterado pelo tempo da sociedade” (Souza, 2010 p. 162).

Através das entrevistas conseguimos compreender a mudança do tempo da natureza por causa do tempo de uma sociedade e uma sociedade similarmente alterada pelo tempo da própria sociedade.

Todos os entrevistados sentiram a realocação da cidade, sentiram a mudança da paisagem. Em algum momento da entrevista eles se lembraram de uma paisagem perto da sua casa, ou na própria cidade. Lembravam de como eram as suas vidas antes da instalação da UHE. Mesmo se passando tantos anos, as lembranças estavam vívidas em suas memórias e com muitos detalhes.

“O apego do indivíduo ao lugar facilmente pode surpreender aquele que tenta o analisar não estando totalmente inserido naquela situação” (Souza, 2010, p.158). E foi realmente isto que aconteceu, uma surpresa e uma emoção em cada fala dos moradores de Itá, mesmo quando iniciavam as entrevistas falando que não sentiam mais falta e/ou que a vida é melhor na cidade nova. Em algum momento, em alguma pergunta, eles paravam para pensar, alguns ficavam um tempo em silêncio, acredita-se lembrando daquele tempo que não volta mais.

O principal agente causador desta transformação da paisagem na cidade de Itá, foi a instalação da UHE, e o nosso público alvo, nas entrevistas, que eram os moradores que vivenciaram a realocação da cidade por causa deste processo, não tinham nada a ver com essa instalação, a não ser simplesmente – e complexamente - pelo fato de estarem morando naquele lugar, no tempo que ocorreu essa mudança.

Lugar este muito falado, que também por sua vez foi totalmente alterado e modificado. Cada morador da cidade de Itá avaliou este lugar de uma maneira diferente, colocando nele as suas particularidades. E cada um dos entrevistados possuem as suas conexões com o lugar em que moravam antes e o lugar em que moram atualmente.

Segundo Carlos (2007, p. 83):

A cidade é o lugar dos conflitos permanentes e sempre renovados, lugar do silêncio e dos gritos, expressão da vida e da morte, da emergência dos desejos e das coações, onde o sujeito se encontra porque se reconhece nas fachadas, nos tijolos ou, simplesmente porque se perde nas formas sempre tão fluídas e móveis.

Concluiu-se então que, existem dois sentimentos observados nesta pesquisa, o sentimento de satisfação pela cidade nova e o sentimento de saudade pela cidade velha. E, apesar, das entrevistas iniciarem com os moradores elogiando a cidade nova, se vangloriando de construções mais modernas, no decorrer da pesquisa todos se lembraram de detalhes significativos de suas vidas na velha cidade, detalhes esses que causaram muitas emoções, ficando evidente o sentimento de pertencimento ao lugar que eles tinham e abrindo uma leitura possível sobre a paisagem através das memórias dos moradores.

REFERÊNCIAS

ANEEL, Agência Nacional de Energia Elétrica (Brasil). **Empreendimentos Hidrelétricos**. Brasília: ANEEL, 2011

BERMANN, Célio. **A perspectiva da sociedade brasileira sobre a definição e implementação de uma política energética sustentável – uma avaliação da política oficial**. Projeto Brasil Sustentável e Democrático. (Texto da palestra da sessão 1 – Câmara do Deputados, Brasília, DF, 18-20 de junho de 2002).

BERMANN, Célio. **Energia no Brasil: para quê? Para quem? Crise e Alternativas para um país sustentável**. São Paulo: Editora Livraria da Física: FASE 2ª ed. 2003. Disponível em: <<https://books.google.com.br/books>>. Acesso em: março de 2016.

BERNARDES, Fernando Frederico. **(Meio) Ambiente: Quebrando paradigmas na literatura e no ensino da Geografia e da Biologia – resultados preliminares**. Universidade Federal do Rio Grande do Sul – 10º Encontro Nacional de Prática de ensino em Geografia – Porto Alegre, 2009.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. **O lugar no/do mundo**. São Paulo: FFLCH, 2007.

CISOTTO, Mariana Ferreira. **Sobre Topofilia**, de Yi-Fu Tuan. Geograficidade. V. 3, n.2, Inverno, 2013.

CONSÓRCIO ITÁ TRACTEBEL ENERGIA. **Plano Diretor Reservatório da UHE Itá e seu entorno**. Programa 22: usos múltiplos do reservatório. 156 p. maio 2001.

CONSÓRCIO ITÁ. **Itá memória de uma usina**. Consórcio Itá, Tractebel, CSN, Itambé. 2000.

FERNANDES, Joice. Tese de Mestrado: **PERCEPÇÃO AMBIENTAL: As transformações no cotidiano de caiçaras de Ubatuba-SP na década de 1960 e na primeira década do século XXI**. Taubaté-SP, 2009.

FERREIRA, Luiz Felipe. **Acepções recentes do conceito de lugar e sua importância para o mundo contemporâneo.** Revista Território, Rio de Janeiro, n.9, p.65-83, jul/dez. 2000.

FOGAÇA, Jaime. **A desterritorialização e a reterritorialização das famílias atingidas pela implantação da Usina Hidrelétrica de Itá,** Oeste de Santa Catarina. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Faculdade de Geografia. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Porto Alegre, 2004

FOSCHIERA, Atamis Antonio. **Da barranca do rio para a periferia dos centros urbanos:** a trajetória do Movimento dos Atingidos por Barragens face às políticas do setor elétrico no Brasil. Tese de Doutorado – Universidade Estadual Paulista, Presidente Prudente, 2009.

HOLZER, Werther. **Uma discussão fenomenológica sobre os conceitos de paisagem e lugar, território e meio ambiente.** Revista Território, ano II, nº 3, jul./dez. 1997.

HOLZER, Werther. **O lugar na Geografia Humanista.** Revista Território, Rio de Janeiro, ano IV, nº7, p. 67-78, jul./dez 1999.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **População urbana de Itá-SC.** Rio de Janeiro: IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Maio de 2016.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **Produção de energia hidrelétrica no Brasil.** IBGE, 2010. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: Maio de 2016.

LIMA, Angélica Macedo Lozano. KOZEL, Salette. **Lugar e mapa mental:** uma análise possível. Geografia, Londrina, v.18, n.1, jan./jun. 2009.

MARTINI, Liamara. **Repercussões territoriais e econômicas em Aratiba – RS**, a partir da construção da Usina Hidrelétrica Itá. Trabalho de conclusão (Graduação). UFFS. Erechim, RS, 2015.

MELLO, J. B. F. de. **O triunfo do Lugar sobre o espaço**. In: JUNIOR M. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, L. de. (Org) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia e Fenomenologia. São Paulo; Perspectiva, 2012, p.33-68.

MINISTÉRIO DE MINAS E ENERGIA, **Boletim Mensal de Monitoramento do Sistema Elétrico Brasileiro**. Secretaria de Energia Elétrica – Departamento de Monitoramento do Sistema Elétrico. Março, 2016.

MORAES, Antônio Ermírio de. **A arrancada da energia**. In: NETO, R. K.; TEIXEIRA, H. (Org). A Grande Energia: Múltiplas visões sobre a hidroeletricidade. Itaipu Binacional. 1ª Ed. Foz do Iguaçu – PR, 2010.

NETO, R. K.; TEIXEIRA, H. (Org). **A Grande Energia**: Múltiplas visões sobre a hidroeletricidade. Itaipu Binacional. 1ª Ed. Foz do Iguaçu – PR, 2010.

NÓR, Soraya. **As transformações sócio-espaciais na área da Usina Hidrelétrica de Ita** – Dissertação de Mestrado – UFSC. Florianópolis, 2001.

OLIVEIRA, Livia de. Capítulo 9 – **Percepção Ambiental**. P. 152-162. In: SANTOS, D. G.; NUCCI, J. C. (Org.) Paisagens Geográficas: Um tributo a Felisberto Cavaleiro. Campo Mourão, 2009.

OLIVEIRA, Livia de; **O sentido de Lugar**. In: JUNIOR M. E. HOLZER, W. OLIVEIRA, Livia de. (Orgs.) Qual o espaço do lugar? Geografia, Epistemologia e Fenomenologia. São Paulo; Perspectiva, 2012, p. 3-16.

OLIVEIRA, Wallace de. **Os impactos socioambientais motivados pela UHE Porto Primavera no município de Anaurilândia – MS**. FCT – UNESP, 2004.

PREFEITURA MUNICIPAL DE ITÁ-SC, **Aspectos históricos e culturais do município de Itá/SC**. Secretaria de Turismo e Desenvolvimento econômico – Departamento de Cultura, Abril 2013.

ROCHA, Humberto José. **Relações de poder na instalação de hidrelétricas**. Passo Fundo, UPF Editora, 2013.

SALGUEIRO, Teresa Barata. **Paisagem e Geografia**. Finisterra, XXXVI, 72, p. 37-53. Lisboa, 2001.

SAMEK, Jorge Miguel. **Apresentação – Hidrelétrica e responsabilidade socioambiental**. In: NETO, R. K.; TEIXEIRA, H. (Org). A Grande Energia: Múltiplas visões sobre a hidroeletricidade. Itaipu Binacional. 1ª Ed. Foz do Iguaçu – PR, 2010.

SERPA, Angelo. **Parâmetros para a Construção de uma Crítica Dialético-Fenomenológica da Paisagem Contemporânea**. In: Revista Formação, nº 14, v.2 Presidente Prudente: UNESP, 2007.

SERRÃO, Adriana Veríssimo (coord.). **Filosofia da paisagem: uma antologia**. Lisboa: Centro de Filosofia da Universidade de Lisboa, 2013.

SERRÃO, Adriana Veríssimo. **Paisagem e ambiente: uma distinção conceptual**. Universidade de Lisboa. Enrahonar. Quaderns de Filosofia 53, p.15-28, 2014.

SILVEIRA, Dilermando Cattaneo da. Tese de Doutorado: **Estratégias alternativas de re-apropriação da natureza: autonomia e autogestão territorial em áreas protegidas**. Porto Alegre, março de 2012.

SOUZA, F. B. de. **Uma infraestrutura verde para áreas em urbanização junto a reservatórios: o caso de Itá (SC)**. 2009. 228 f. Dissertação (Mestrado em Arquitetura e Urbanismo). Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

SOUZA, Reginaldo José de. **O sistema GTP** (Geossistema-Território-Paisagem) aplicado ao estudo sobre as dinâmicas socioambientais em Mirante do Paranapanema-SP. Tese de Mestrado. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente - SP, 2010.

SOUZA, Reginaldo José de. **Raia divisória ou Raia Socioambiental?** Uma (re)definição baseada na análise da paisagem através do sistema GTP. Tese de Doutorado, 180f. Universidade Estadual Paulista. Presidente Prudente - SP, 2015.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Espaço geográfico uno e múltiplo**, Revista Electrónica de Geografía y Ciencias Sociales, Universidad de Barcelona, N°. 93, jul. 2001.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Geografia física (?) Geografia ambiental (?) ou Geografia e ambiente (?)**. In: MENDONÇA, F.; KOZEL, S. (Orgs.). Elementos de epistemologia da geografia contemporânea. Curitiba: Editora UFPR, 2004.

SUERTEGARAY, Dirce Maria Antunes. **Cadernos Geográficos** – Notas sobre epistemologia da Geografia. Florianópolis, nº 12 – maio, 2005.

THEIS, Ivo M. **Desenvolvimento, Meio Ambiente, Território: Qual Sustentabilidade?** Editora Unijuí, ano 4, n. 8. Jul./dez. 2006.

TUAN, Yu Fu. Espaço, tempo, lugar: um arcabouço Humanista. Geograficidade, v.01; n.01. Inverno, 2011.

VESENTINI, J. W. **Geocrítica–Geopolítica**, 2008. Disponível em: <<http://www.geocritica.com.br/geocritica.htm>> Acesso em: Abril de 2016.

VIANA, Raquel de Mattos. **Grandes barragens, impactos e reparações: um estudo de caso sobre a barragem de Itá**. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro, 2003.

VITTE, Antonio Carlos. **O desenvolvimento do conceito de paisagem e a sua inserção na Geografia Física.** Universidade de Campinas. Mercator – Revista de Geografia da UFC, ano 06, número 11, 2007.